



ESCRITORES

O ESPAÇO DEFINITIVO DE DIVULGAÇÃO DA LITERATURA

ANO XIX Outubro de 2013

OS ESCOLHIDOS DO TROFÉU “VINTE E CINCO ANOS”

233



TREZE ANOS DE PARCERIA E DE SUCESSO

Avenida Independência, 3075/Alemães – Piracicaba/SP
Fone: (19)3422-7191 (Cópias) * (19)3422-1200 (Engenharia)
(19)3434-6622 (Impressão) * Fone/Fax: (019)3434-0554

URL: www.copiascia.com.br * E-Mail: copiascia@copiascia.com.br

OS ESCOLHIDOS DO TROFÉU “VINTE E CINCO ANOS”

Minha gente! Agradecemos a todos os que participaram da votação pela Internet que colocou lado a lado, escritores de 189 cidades de vinte estados do nosso país, bem como, agradecemos àqueles que compreenderam que vivemos num país capitalista no qual não se faz nada de graça! Que tudo tem preço e os preços da cultura, principalmente, são caros, e que por causa desta compreensão, já fizeram o pagamento da taxa do Troféu, juntamente com a anuidade/14, garantindo dessa forma o seu apoio a mais esta efeméride vitoriosa do Clube dos Escritores Piracicaba.

Da mesma forma que instituímos o Troféu da “Lira Vintenária”, instituímos através desta votação o Troféu vinte e cinco anos para premiar 100 pessoas mais votadas numa eleição informal que aconteceu, de forma brilhante, todos engajados na escolha do amigo, daquele que mereceria ser escolhido, sem critério algum exigido pela Academia. Não são os melhores escritores, nem os mais cotados, mas sim os mais reconhecidos pelo público, aqueles que foram lembrados pelos amigos. Desta forma, serão premiados aqueles mais admirados por seus pares. Foram escolhidos, na apuração final, todos aqueles que receberam mais de quatro votos. Porém, tivemos até agora algumas desistências, de pessoas que não desejavam estar na lista final.

Para ocupar esses lugares foram colocados aqueles que tiveram três votos. À medida que saíam os resultados parciais desta escolha nos causava admiração os nomes escolhidos. Todos eles, é claro, que tiveram suas fotos publicadas na revista. Mas nada poderia acontecer se você, que é a parte mais importante desse processo, não tivesse se entusiasmado efetivamente com esta votação.

Meus amigos! Nada teria sentido sem a sua participação e sem o seu empenho. Agradecemos a todos os envolvidos, em nome do Clube dos Escritores Piracicaba, a Academia mais querida do Brasil. Foi sempre assim que realizamos coisas memoráveis e de qualidade, desde a fundação de nossa Academia. Vamos nos empenhar em realizar uma Sessão Magna inesquecível no ano que vem! Para todos que estão muito curiosos para saber quem foi votado, neste número publicaremos a lista de todos os escolhidos.

Carlos Moraes Júnior



REVISTA “ESCRITORES”

Revista Literária mensal do Clube dos Escritores Piracicaba. Diagramação e Arte Final, Administração e Publicidade: Coopia Digitação e Serviços Editoriais, Rua Jacob Diehl, 77, Bairro Morumbi, Cep 13420-410, Piracicaba/SP. Não fornecemos números atrasados. Matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. CNPJ: 01.061395/0001-03. Correspondência: Rua Jacob Diehl, 77, Bairro Morumbi, CEP 13420-410, Piracicaba/SP, Fonefax: (0xx19) 3426-8568. Editor Responsável: Carlos Moraes Júnior, Mtb20.836. E-mail: clube.escritores@uol.com.br Site: www.clubedoescritores.com Para Pagamentos: Conta 8013-6, Agência 4252-8, Banco do Brasil.

A FONTE

Não sabia que iria nascer e irromper pela fissura da terra na montanha. A mãe Terra se abriu e devagarzinho, como se fosse despejar um dejetos de suas entranhas lentamente, aos poucos, mais forte, mais forte, foi surgindo como uma nascente. Deslizando e dando os primeiros passos, foi se espalhando meio titubeante, até com o tempo tornar-se um regato. Transpôs vales e matas verdes e sombreadas onde somente havia paz e sossego. O corpo líquido era fresquinho e transparente.

Aos poucos peixinhos nadavam acompanhando a massa de água nessa viagem prazerosa, margeando vales, prados e matas, quando saciava a sede dos animais que vinham à sua procura e ganhavam seu retrato ao se debruçarem nas suas margens, através do reflexo de suas cabeças e corpos.

Depois de saciados, ser afastavam pisando firme empolgados com suas belas imagens refletidas naquele cristalino espelho.

Outros ribeirões se juntaram e engrossaram o regato, que passou assim à categoria de rio. Por causa de seu caudal transportava barcos de passeio e de pesca e todos amavam, aquela bonita corrente de água, que era muito útil para o transporte de víveres. Os barcos e iates grã-finos desciam e subiam aquelas águas e iam ouvindo durante à viagem todo gênero de conversa, desde os causos do pescador, do trabalhador rural, do fazendeiro ou do turista, cada um dentro do seu tipo de assunto e vocabulário.

Com tanta experiência de vida, aquela massa de água começou a sonhar com o seu destino e descobriu que um dia encontraria o mar, onde haveria outros tipos de peixes, de pessoas, transatlânticos de luxo e as margens seriam de outros países que nunca havia visto. Ansiando por esse destino começou a correr cada vez mais, e mais, deslizando, formando cascatas, como se empurrasse um tobogã, naquelas alturas vertiginosas. Ufa! Enfim, o rio e o mar se tornaram um só e eles conheceram juntos centenas de seres marinho e as conchas recheadas de perolas. Então, misturado com as águas marinhas, descansou nas areias amarelinhas, e cheias de crianças e jovens lindas, que tomavam sol e acariciavam as ondas que quebravam nas praias de muitos países.

Em algum momentos aquela corrente de água doce, além de se sentir muito maior, tinha momentos de mau-humor, por causa da lua, que lá no céu, bem longe, insistia em brigar com ele. O caudaloso rio transformado em mar convivia também com as estrelas que não eram do céu, mas do mar.

Pensava que naquelas lonjuras, tudo era muito diferente do tempo em que ele tinha margens, onde os pássaros eram outros muito diferentes das aves matinhas que voavam acima daquele rio que agora era parte do mar... Mas ninguém deixa de pensar no passado e sentir saudades do tempo em que ele era apenas um regato inocente, que procurava novas experiências.



*Elda Nympha Cobra Silveira
Colegiado/Piracicaba/SP
eldanympha@yahoo.com.br*

CARTA A UM PAI

Meu querido amigo, papai gostaria de neste momento, poder beijar a sua cabeça embranquecida ou sua testa enrugada. Como não é possível, re-solvi fazer uso da brancura deste papel, para nele expressar toda a saudade que me vem na alma e, que saudade! Ah! meu velho, as coisas estão diferentes, há tanta coisa mudada!

Todo dia pinta uma novidade. Seu filho não é mais aquele menino turrão, mal educado e de cogote grosso, ele também mudou.

Com o tempo tudo se transforma. Toda vida é um mutação constante. Hoje. seu filho beirando os quarenta envelheceu com o tempo e deixa que a emoção muitas vezes ceda lugar à razão.

Agora, papai, estou chorando de saudades. Não concordo com Drummond. ainda acho que é tempo de dizer meu amigo, meu amor. Vem-me à alma, neste momento, tantas recordações agradáveis! Como é bom lembrar o passado!

Não acho que lembrar o passado seja sofrer duas vezes. Pois é, só os momentos agradáveis estão em repeteco no meu coco. como o senhor dizia “Com um coco deste tamanho este menino vai longe”.

Recordo-me tudo. até os cocorotes e os cabos de sovela na coité. Hoje, eu queria estar a seu lado para pegar um safanão. Sabe papai, eu hoje queria ser pequeno. A coisa mais importante que eu perdi na vida foi a minha inocência evangélica.

É uma droga ser grande Digo grande para não dizer adulto, pois continuo a sua criança chorona. gulosa e insatisfeita. Para o senhor, eu não poderia deixar de crescer, eu teria que partir, que buscar o futuro. Foi o que fiz. tive que sair para ganhar a vida. Hoje eu descobri, que para ganhar a vida eu perdi o sentido dela.

Agora, eu preferiria nunca ter saído de casa. do abainhado da saia da mamãe e ser, como o senhor, um lambedor de solas, um oficial do couro. Por certo, o senhor vai achar que eu não estou bem. que estou po-bre. Não é isso. até tenho algum patrimônio. E que eu descobri que apesar de tudo eu só tenho dinheiro!

Falta-me carinho, o afeto e o desvelo do amor materno (e paterno) que tão cedo me foi roubado. Não quero culpá-lo por nada.

O senhor quis o melhor para mim. eu sei. Só que eu não soube subir e continuar pequeno e, hoje. pago caro pela fama e pelo sucesso. O preço do progresso é caro. desumano e aviltador.

Olha pai. se eu tivesse que começar tudo de novo. eu queria ser no-vamente seu filho. Você é o melhor pai do mundo, o meu melhor amigo.

Qualquer dia estarei pintando por ai. para lhe dizer tudo pessoalmente e sentir o calor de seu abraço.

Agora vou parar, não consigo continuar. Pois tenho um entalo e se ele desatar vou começar a chorar. Não é que a saudade está matando! Seu filho Tom.

*Antonio Araújo Loiola
Praeclarus/Campo Maior/PI*

**XVI CONCURSO NACIONAL DE POESIAS DO CLUBE DOS ESCRITORES**

Estão abertas até **30/06/14** as inscrições para o XVI Concurso Nacional de Poesias do Clube dos Escritores Piracicaba., cada poeta poderá participar com apenas uma poesias., inédita ou não., devendo conter, no máximo, **30 linhas**, escritas em língua portuguesa, tema livre e sem qualquer restrição.

Somente serão aceitos trabalhos datilografados ou digitados em papel A4, espaço simples, Fonte Times New Roman, corpo 12 em duas vias identificadas apenas por pseudônimo., devendo conter obrigatoriamente o nome do Concurso, enviado pelo sistema de envelopes para a **Rua Jacob Diehl, 77 – Bairro Morumbi, CEP 13420-410, Piracicaba/SP.**

O envelope menor deverá conter identificação completa, **obrigatoriamente, o nome do concurso**, pseudônimo, taxa de **R\$ 5, 00 (cinco reais)**, em dinheiro, não se aceitando cheque ou depósito bancário.

Os sócios do Clube dos Escritores devem pagar a taxa de R\$ 2,00, enviada somente em dinheiro e no envelope menor deve conter o nome do concurso, nome do participante, pseudônimo, nome do trabalho, telefone e e-mail É vedada a participação de membros do júri de seleção e integrantes da Diretoria do Clube dos Escritores.

Serão escolhidos 15 trabalhos que receberão Diplomas de Honra ao Mérito, e destes, serão escolhidos tres vencedores, o destaque do Júri, e um Prêmio ors Concours, que receberão Diplomas de Premiação. Informações pelo Fone: **(019) 3426-8568** ou pelo e-mail do Clube dos Escritores..

VII CONCURSO DE POESIAS DA COSTA DA MATA ATLÂNTICA

Estão abertas até **30/10/13**, as inscrições para o VII Concurso de Poesias da Costa da Mata Atlântica. Cada poeta pode participar apenas com uma poesia, inédita ou não, com no máximo 30 linhas, em português, tema livre, sem qualquer restrição. Somente serão aceitos trabalhos digitados, de um só lado, em papel A4, espaço simples, fonte Times New Roman 12, em 2 vias, identificados por pseudônimo, contendo no cabeçalho **obrigatoriamente** o nome do Concurso.

Os trabalhos concorrentes devem ser enviados pelo sistema de envelopes para a **Rua Dr. Guedes Coelho, 85/52, CEP 11050-231, Santos/SP.**

Todo participante, inclusive sócios do Clube, deverá enviar no envelope menor: nome do concurso, nome, Título das Poesias, pseudônimo, telefone, e-mail e a Taxa de inscrição no valor de R\$ 5.00 cinco reais, não se aceitando cheque ou depósito bancário. É vedada a participação de Membros do **Júri de Seleção** no concurso.

Serão escolhidas 5 Menções Honrosas, Tres premiações, mais o Destaque do Júri e mais o Prêmio Hors Concours, que receberão Diplomas de Premiação. Informações pelo Fone: **(13) 3235-1608**, ou através do endereço de e-mail: jose.ubaldo@terra.com.br

Aqui de longe sopro os ares
Enviando um beijo na direção certa.
Perpassa montes, campos verdes e mangueiras.
Chega até teus cabelos cor de jambo,
Finos como feito fios de topázio,
Esvoaçando com o toque de meu beijo de ar.

Adelgício José de Paula
Colegiado/Juiz de Fora/MG
ankharma@terra.com.br

CONTINHA

Duas palavras às
vezes nos deixam de
quatro, em queda livre.
É como lidar com seu
igual usando perguntas
a quem se responde
afoito, sem sentido.

Adilson Roberto Gonçalves
Colegiado/Lorena/SP
priadi@uol.com.br

APENAS SOMBRAS

A tarde adormeceu
gemendo de frio
pelo vento que gritava
nas rajadas do inverno.
Com o eco dos trovões
a noite trouxe a chuva
enfurecida e gelada
repicando no telhado
esburacado e envelhecido.
Pelas janelas
os clarões iluminavam
e explodiam lá fora.
Tudo era assustador
e apenas sombras
dançavam molhadas
na solidão das calçadas.

Alais Monteiro Pickersgill
Praeclarus/Rio Grande/RS
alaispickersgill@gmail.com

LOJA “SERRA DO
RONCADOR”

A Serra do Roncador
Sempre será nosso emblema.
A veremos com amor
Como uma glória suprema.

A sombra dos seus mistérios
Velaremos sempre alertas,
Olhando símbolos sidérios
Celestes portas abertas.

De suas mil tradições,
Glórias de Xavantina,
Iremos ser expressões
Como aurora matutina.

E nesse mundo futuro
Duma nova Humanidade
Seremos esteio seguro
De nossa Comunidade.

E assim nossa Oficina,
Sem fugir à tradição,
Será ‘ma potente usina
Da Grande Transformação.

Alberto Sequeira P. Gouveia
Conselho/Nova Xavantina/MT
aaspgouveia@bol.com.br

O SONHO DE DESCARTES
(Quod vitae sectaboriter?)

Anda moto
roda motor
motociclo
ciclo do moto
moto-contínuo
auto moto
autômato
Homem

Alceu Brito Correa
Praeclarus/Brasília/DF
alceubrito@uol.com.br

COISAS DE HOJE E DE OUTRORA

O sujeito entrou na padaria, pediu um doce. Na hora de pagar, falou para a balconista: “não vou pagar, eu pedi e você deu!”

A balconista, o gerente, os fregueses, ninguém ez nada. Todo mundo deixou acontecer! E as pessoas ao redor nada fizeram, deixaram acontecer. E o sujeito se retirou do recinto. Foi embora sem pagar a conta.

Assim estão os escândalos do país: as pessoas ouvem, fazem comentários, e deixam acontecer. Ninguém faz nada a respeito!

Tem um tal de habeas corpus, que deve ser turco pelo nome, tira todo mundo da encrenca, até o tal sujeito da padaria. Resolve tudo! Tirou da cadeia os quarenta ladrões, mas deixou no xadrez o Ali Babá.

O Brasil é um paraíso, mas o povo que veio morar aqui, misturou-se com índios e negros, e lá se foram nossos louros.

Falam bem da raça européia, mas as primeiras revistas de mulher pelada que pintaram no Brasil, pela década de 60, eram as dinamarquesas. Portanto, as pessoas entraram na nossa composição racial muito depois do descobrimento!

É difícil entender a história da morte de John Kennedy, porque ninguém sabe ao certo, o que aconteceu. É a bandidagem americana?

Todos parecem ricos e luxuosos, já os brasileiros são molecões vestidos de bermudão e sandálias havaiana no pé. Vá entender alguma coisa, quem está por trás disso tudo! Para nós, é difícil de entender mesmo!

Muito embora haja pessoas dignas na política, precisamos entender porque trabalhamos até agora seis meses do ano para pagar impostos, e ganhamos salário de fome! Que conta é essa?

Como podem colocar certas coisas em nossa cabeças? Como somos suscetíveis a certos causos dignos de contos-de-fadas?

E viva o Chico Lorota!

Clóvis Rolim da Silveira
Conselho/Piracicaba/SP
clomajurosi@uol.com.br



TEMOS SEMPRE UMA SOLUÇÃO PARA VOCÊ

Medalhas, Troféus, Placas, Gravação em laser, crachás,
chaveiros, e outros produtos em metal, vidro, acrílico e pedra.

Rua Lima Barreto, 212/São Paulo/SP
Contato: (11) 2215-1133/[vendas@sportbrindes.com.br](mailto: vendas@sportbrindes.com.br)

OS SEGREDOS

Gentil menina
que demonstra
suas qualidades
que refletem
em seus predicados.
Gentil menina
que faz morrerem
comigo os segredos
deste meu amor.

Alfredo Alencar Aranha
Rio de Janeiro/RJ/In memoriam

MERGULHO NO INFINITO

Vou mergulhar no infinito,
varar a noite soturna,
molhar as mãos na neblina
na madrugada chegando;
subir os degraus das horas,
chegar ao topo do mundo,
pernoitar junto às estrelas,
a lua me namorando.

Vou, cativo dos meus sonhos,
nas asas das minhas crenças,
vão comigo mil libélulas
e outras tantas falenas;
lá, no deserto das sombras
vou exilar minhas queixas,
desterrar velhas endechas
lembrar só canções amenas.

E quando a aurora vier
com remansosa ternura,
feito luzente satélite
de ti - lua prateada —,
me esconderei nalgum astro
fugindo da luz do dia,
e espanejando delírios
trarei mancheias de lírios
para enfeitar minha amada.

Almir Diniz de Carvalho
Colegiado/Manaus/AM

CANTIGA DO OLHAR

O nosso olhar
O teu. olhar,
n.o meu olhar...
O meu olhar
no teu olhar...
O nosso olhar
dançando.
na chuva...
ao sol...
Refletindo a lua
e as estrelas.
Rolando
na cordilheira
e se misturando
ao verde, sem se abater
com o vento...
O nosso olhar...
O meu olhar,
no teu olhar...
O teu olhar,
no meu olhar...
O nosso olhar
navega
na profundidade
do ser, em busca
do mor...

Amália Marie G. Bornheim
Decana/Caxias do Sul/RS

Sonhos
não
têm
limites,
têm
asas...

Amélia Marcionila R. da Luz
Decana/Pirapetinga/MG
amelialuz30@gmail.com

RATINHO

Sabe o que eu penso de um ratinho
lá no bueiro todo sujinho?
Transmite doenças bem perigosas
alimenta o gato de voz fanhosa.

E numa dispensa faz diabruras
rói alimentos até rapadura!
Mas esse ratinho no laboratório,
vira amiguinho bem provisório.

Ele é cobaia de toda ciência
e nele que fazem experiência.
Ele tem utilidade, pois nisso
ajuda, a humanidade.

Agora eu vejo em cada ratinho
não só um perigo,
um grande amiguinho!

Ana Cley Marques Pizarro
Decana/Itajubá/MG
ac.pizarro@bol.com.br

PRESÉPIO

Bercinho de palha.
Jesus, Maria e José.
Presépio em Belém.



Angélica Villela Rebelo Santos
Colegiado/Taubaté/SP
angelicavillela@gmail.com

MAR AZUL

Oh! Meu mar azul
de tuas entranhas sai o alimento
o doce fermento para o rico sustento.
De tuas lágrimas evapora
o saboroso sal para o tempero.
Sobre teu manto azulado
singram todo tipo de naus,
que levam vidas humanas
num périplo sem fim.
As areias brancas que te bordejam
é o verdadeiro e suave catre
de onde humildemente agradeço
o abraço salutar do sol.
És contemplado de Norte ao Sul,
vejo-te mais belo a cada dia
em que miro teu manto azul.

Augusto Barbosa Coura Neto
Praeclarus/Florianópolis/SC
augustocoura@hotmail.com

SEGUNDA PÁGINA

Gênero “Vanila”,
orquídeas exalam perfume raro,
como baunilha!

Pequeno cachorro
cheirou as flores do jardim,
não urinou nelas...

Um certo bêbado...
Andou trôpego pelo jardim florido,
matou... uma orquídea!

Antonio Vilela Pereira
Colegiado/Jataí/GO
pereirantoniovilela@yahoo.com.br

CORAÇÃO DA PAZ

Meu coração
Transborda paz,
A paz que me faz
Acreditar que você gosta de mim
Que o nosso amor,
Que a nossa felicidade
Não tem fim.
Morena,
A paz que sinto
Vem de você
Do seu sorriso,
Dos seus olhos,
Da sua boca
Carente de beijos,
Dos seus cabelos
Que anseiam
Os meus afagos.
Morena,
A paz
Do meu coração
Vem da sua mão
Plena de carinho
Que é só meu,
Só meu,
Meu inesquecível amor.

Benedito Carceles Tavares
Titular/Mogi das Cruzes/SP
reginamariatavares@yahoo.com.br

ITAPUÃ

De madrugada
Enquanto a lua passeia
Por entre nuvens escuras
Que brincam com as estrelas
Tecendo um novo amanhã
Em vão busco o telefone
E chamo pelo teu nome
Querendo sentir teu cheiro
Em pleno mês de janeiro
Sabendo que agora dormes
Nos braços de um outro alguém
Na praia de Itapuã

Carla Rosane Lima de Moraes
Conselho/Brasília/DF
carla.tricolor@bol.com.br

TEMPO DE PAZ

Hoje eu venho assim
Em uma bela poesia
Falar a ti de mim
De uma vida não só minha
Em uma linda e bela Terra
Fauna e Flora em harmonia
Mas com o homem em pé de guerra
Destruindo o que ele cria
A savana e o cerrado
Sofrem em campo desmatado
Onde o homem fez a festa
Pondo fogo na floresta
Animal saiu fugindo
Batendo em retirada
O homem tava dormindo
E nem viu a bicharada
Que por sorte ou por instinto
Bateu logo em revoada
Vendo o fogo em alvorada
Homem, agora, chora, eu sinto
Pois perdeu sua morada
O que peço é um regresso
O que há tempos não se faz
Para a criança ou pro rapaz
O tempo de paz

Bruno Nascimento Alleoni
Conselho/Rio Claro/SP
alleonibn@hotmail.com

VOLÁTIL

Somos feitos
de carne
e os sonhos
são voláteis.

Djanira Pio
Assinante/São Paulo/SP
opiosoa@yahoo.com.br

O CAMINHEIRO

Pelas sinuosas avenidas do jardim recreio,
vagando ao léo, como nômade cigano,
a sonhar quimeras, fechei os olhos
e sob o sol tremeluzente da manhã
comecei a ouvir o chilrear dos bem-te-vis
e os gritos dos periquitos assustados;
os arrulhos românticos das pombas-rolas;
O trinar sonoro dos sabiás-laranjeira
E a escutar encantado as cigarras cantadeiras.
A passos lentos, distraído, olhei para o chão.
Flores amarelas e vermelhas,
lágrimas de flamboaiãs e sibipirunas,
rodopiavam embaladas pelo vento.
Ao escolher a sombra das árvores
para me proteger e aliviar o calor,
parei extasiado, olhando ao redor.
As flores pareciam estrelas coloridas

Carlos de Moraes
Decano/São Paulo/SP
carmora@superig.com.br

TOTÓ

Marquinho e seu cachorrinho
Que ele chama de Totó
brincam juntos, bem amiguinhos
com a alegria deles só.

Totó anda, corre e pula
na varanda e no quintal
enquanto a mãe do Marquinho
põe a roupa no varal.

Marquinho ajuda a sua mãe
depois joga a bola ao cãozinho
Totó agarra com a boca
traz de volta pra Marquinho.

E assim esses dois amigos
brincam juntos, pra valer
amigos a vida inteira
para sempre pretendem ser.

Carmen Elza Straub de Abreu
Decana/Itapetininga/SP

PAZ E AMOR NUMA SÓ RIMA

Queria escrever poemas,
Com palavras bem amenas,
De paz e amor apenas,
Tão suaves como penas.

Que trouxessem à mente cenas,
Alegres e bem serenas,
Com nada de obscenas
E variações de temas.

Que os leitores as centenas,
Atentos como as hienas,
Se prendessem nos meus temas
Tal qual num par de algemas.

Então lendo meus poemas,
Que têm uma rima apenas,
Encontrassem em todos temas,
A paz e o amor apenas.

Condorcet Aranha
Joinville/SC/In memoriam
cleidearanha2009@hotmail.com

FIM DO TÚNEL

Você precisa me ajudar
a mudar o tom dos meus poemas
antes tão adocicados
e ultimamente, amargos e tristes.
Os meus amigos não estão
gostando do atual sabor.
E eu queria muito transformá-los.
Me ajude, por favor!
Em você reside parte deste fato
Preciso ternurar minha poesia
porque essa é sua marca registrada!
Ainda bem que ontem, nós dois
acendemos uma luzinha ..
lá no fim do túnel... Quem sabe...

Othniel Fabelino de Souza
Conselho/Ribeirão Preto/SP
amorrp@superig.com.br

SEM RUMO!

Por que!
Paras na caminhada?
A noite as estrelas piscam
No dia que o sol circunda
Do outro lado que é vida!

Continua!
No despertar
Da tua consciência
As paradas em nuas
Ruas em esquinas
Hoje é dia

Olha a chuva que cai
E anuncia
Outra ginga da luta
Renhida... por ti reconhecida

Por que!
Paras na caminhada?
É dia
E a vida continua
Não é!
Continua!

*Maria Angélica B. dos Santos
Praeclarus/Belo Horizonte/MG
bilabernardes@gmail.com*

SÓ Só trívia
 Só trava
Só tic Só trilha
Só tac Só tralha
Só **tique** Sócio típico
Sotaque Só cio mata
Só timbre Só tráfico
Só traque Sociopata
Só trevo
Só trave

*Cosme Custódio da Silva
Decano/Salvador/BA
putzgrilla@oi.com.br*

O PONTO DE ÔNIBUS

subi no ônibus e não tem lugar
na vida também não tem
lugar pra parar e ficar
os minutos correm
com o tempo que se dissolve
e a praça ficou longe
com os dígitos trocando

a janela anda com a paisagem
brincando com o sol que
troca de lado e a sombra
teima em não levar o calor
que pinga no meu rosto

as idéias se derramam
e se soltam da boca
como bolhas no ar

bicicleta e carrinho
mais carroça de pipoca
e o Zé da esquina
vende o seu milho
queria comprar
paciência a quilo
e ser sábia e quieta
como um lago,

passou do ponto
e te vi à minha espera
olhando pro lado
de onde deveria chegar
e eu me pergunto
se algum dia conseguirei
descer do ônibus
no lugar certo!...

*Dalila Cunha e Mello Balekjian
Conselho/Rio de Janeiro/RJ
dalilabalekjian@yahoo.com.br*

O TEMPO PASSA: INVENTO OU REALIDADE?

É comum se ouvir expressões sobre o tempo perdido, o tempo passado. Muitas delas tornaram-se até provérbios populares: “Não vi o tempo passar”, “O tempo é mais veloz que o vento”. Mas o tempo não corre, não voa, não passa...

Quanto a essa definição, são dois os aspectos a ser considerados: primeiro, o da evolução crescente da sociedade, e segundo, a da vida particular de cada indivíduo. A velocidade com que se desenvolve a técnica e a Ciência, a globalização, as grandes transformações em campos diversos, o domínio do espaço, novas descobertas, que deixam para trás conhecimentos considerados como verdades perenes, tudo isso é que nos passa a sensação de que o tempo passa com muita rapidez.

No segundo aspecto, também não é o tempo que corre e sim o indivíduo que assume tantas atividades, quer particulares, quer profissionais tantas, numa carga horária superior à sua própria capacidade, chegando até asacrificar o tempo destinado ao descanso e lazer!..O nosso calendário está diretamente interligado ao um aparelho, chamado relógio, construído de várias formas e em estilos diferentes, mas que tem, qualquer que seja seu modelo ou aparência, por finalidade marcar o tempo, dividindo-o em segundos, minutos, horas, dias, meses e anos. Desde que foi inventado, substituindo a ampulheta, não sofreu nenhuma alteração quanto à maneira de cronometrar o tempo.

Pergunte à sua avó ou bisavó, se o relógio de séculos atrás marcava o tempo de modo diferente. Não!... O tempo, portanto continua a passar na mesma velocidade, quem mudou seu passo e aumentou sua velocidade, em consequência da crescente evolução social, foi o homem. Pergunte ainda a um aposentado, já de idade avançada, ou a pessoas que residem em cidades pequenas, sítios e fazendas, se o tempo corre mais rápido nos dias de hoje, do que antigamente.

Somente para ilustrar a resposta que eles irão dar: tanto ontem, como nos dias de hoje, o ano continua a ter 365 dias e 6 horas, o que soma um total de 8.766 horas, 525.960 minutos e 31.557.600 segundos!



*Aracy Duarte Ferrari
Colegiado/Piracicaba/SP
aracy.ferrari@terra.com.br*

O MOMENTO

Ah! Esta ansiedade em alcançar um objetivo, tentando vedar a capacidade de perceber o potencial do agora! Compelindo a pisar num trampolim de insatisfação e tristeza, para mergulhar num vazio, estorvo na plenitude do viver.

Na vereda, penetrando no calabouço da compleição com ausência de autoestima, atraindo a desgraça do desamor acompanhada da gravidade do medo. Na plataforma da delimitação, que provoca o auxílio da percepção atenta em restituir o equilíbrio. No patamar, um ímpeto de memória marca o engano a estar, por ignorar o valor do momento, de uma mente voltada ao desejo de conseguir. O granjeador só flui em realização, quando o momento penetra na consciência do próprio estado, criando a energia da felicidade que é intrínseca e não afora, sendo o magnético para concretizar sonhos, tornando possível à vida flutuar como nuvens iluminadas pelo sol, que mesmo obumbradas pelas tempestades, logo após, despontam como sublimadas montanhas brancas fosforescentes.



*Arlete Mari Ramina
Decana/Curitiba/PR
arlete.mari@yahoo.com.br*

TEUS... MEUS OLHOS

Feriste os olhos teus sem ter cuidado
E agora a dor tua pupila espezinha
Mas... Se soubesses meu sempre adorado!!
Que essa pupila mais que tua, é minha!

E assim a dor que te há magoado
É uma dor que não a sofres sozinha!
Pois o sofrer do teu olhar dourado
Refletir-se-á também na visão minha!!

Eu não desculpo esse teu vão descuido
Em empanar tão mavioso fluido
Do teu olhar de tão gentis refolhos!

Pois tudo que a teu olhar suceder...
Será o mesmo que a me acontecer...
Pois os teus olhos são... enfim... meus olhos.

Darcy Reis Rossi
Colegiado/São Paulo/SP
darcy.rossi@terra.com.br

O BEBÊ ABANDONANDO

Não era desafio,
era esperança!
No ventre dilatado
carregava um ser vivo,
uma criança!
mas, o sonho era ilusão.

Perambulava pelas ruas
sem abrigo,
sem caridade;
não havia piedade,
não havia pão!
então, quando o bebê nasceu,
fez o que melhor sabia fazer:
abandonou o bebê no lixo
e voltou para a casa
de prostituição...

Dirce Ramos de Lima
Conselho/Piracicaba/SP
dilidima@ig.com.br

CADÁVER

A poluição do sangue
vertendo sobre a unha
... que se amolece...
A vergonha da pele que se enrubesce
É o calor do inferno, é o vermelho
daquilo que não se esquece
Não quero coisa alguma,
nem uma só isca de sua unha
... que se apodrece...
A rua!! que saia tudo pela rua, t
oda nua em sua moldura
Seguindo sem fim pela vala
negra da má feitura
... que não se apetece...
Na morte sem memória
... que não se estabelece...

Edielson José Groppo
Titular/Iguape/SP
cida.mancio@telefonica.com.br

A CASA DA SAUDADE

Se “a casa da saudade chama-se memória”,
Segundo uma expressão do Mestre Coelho Neto,
O seu contexto vasto tem sua trajetória
Em lances de emoções e de perene afeto...
Se a casa da saudade tem seus aposentos,
Que guardam sonhos findos e recordações,
Decerto há de abrigar saudosos sentimentos
Nas suas ante-salas e nos seus porões...
Se a casa da saudade chama-se memória,
Teremos de rever a sua definição;
E redimensionarmos sua trajetória,
Em exercício pleno de conceituação...
E a Casa da Saudade então se chamaria
Abrigo de lembranças, de alegria e dor...
Essa memória assim se diferenciaria
Daquela em que se “salva” num computador...

Eloísa Antunes Maciel
Decana/Santa Maria/RS
eloisa.maciel@gmail.com

O SOL...

Ó Sol, astro-rei!
És o centro do sistema solar
E teu brilho, sem par,
Quantas vezes já admirei...

Os planetas e a Terra também
Recebem a tua linda luz
Que espanta as trevas e conduz
O Universo, em harmonia, pro além...

És a fonte inesgotável
De energia e calor,
Tão necessários para expor
E crescer na Vida, bem inestimável...

No inverno, és arrefecido,
Na Primavera, fazes despertar...
No Verão, as praias procurar
E, no Outono, estás esmorecido...

Da Vida, na Terra, és penhor,
Pois de ti vem dependendo
A Fauna, a Flora e o Homem vivendo,
Assim te proteja sempre o Criador...

Eliseu Oro
Conselho/Descanso/SC

SENTIMENTO PROFUNDO

Sentimento assim tão profundo,
não cabe em qualquer ilusão.
Tenho o maior amor do mundo,
e não vou entregar assim em vão.
É preciso que esse alguém mereça
e por mim às vezes até padeça,
para ganhar meu coração.

José Airton Mellega
Assinante/Piracicaba/SP
jamellega@hotmail.com

A ARTE

Devemos ser todos flexíveis artistas
E dar ao mundo o que há de superlativo,
Em nossos intelectos assaz idealistas
A arte não será mero sonho passivo.

Devemos exortar o estético, o belo,
A arte tem uma ampla senda de beleza,
É só tomar conhecimento com desvelo
Da obra do Grande Artista da natureza.

Arte que faz artista não apenas o pintor
Que penetra no labirinto da Criação,
Como também o poeta o escultor,
O músico, o arquiteto e o hábil artesão.

A arte pode ser exuberante ou modesta,
O humano pode ser artista magistral,
Quando imita os sons próprios da floresta,
Neste ambiente artístico musical.

Onde há mais arte do que na mata?
Ali se revela Deus em plenitude,
No farfalhar dos ramos, real sonata,
O homem percebe a arte em amplitude.

Sendo a arte a sublime magia d' alma,
Agracia os entes de leal irmandade,
A existência se imbui de plena calma
Serena o coração que atrai felicidade.

Frederico Eduardo Wollmann
Titular/Cachoeira do Sul/SP

Sem, sono e aceso
busca sempre companhia...
Rottina noturna.

Flora Thomé
Decana/Três Lagoas/MS
florathome@terra.com.br

FUTEBOL DE RUA

A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia, uma tampa de panela ou a lancheira do irmão menor. As bolas de meia são muito boas para jogar nos jardins, com os bancos servindo de gol. Bola ótima é a de capotão, uma antiga bola, cheio de capim e costurado com arame.

O gol pode ser feito com o que estiver à mão: tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, chinelos, livros da escola, sapatos, paus, sainhas (as meninas tiram e jogam de blusa e calcinha)

O campo: meio fio da calçada, calçada e rua, rua e a calçada do outro lado, corredor de casa e em alguns casos a própria sala e, nos grandes clássicos, o quarteirão inteiro. Nos jardins também: na calçada ou até na grama. O jogo normalmente vira em 5 e acaba em 10 gols; pode durar até a mãe do dono da bola chamar ou escurecer. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança dar uns gritos ou ameaçar chamar a polícia. A formação dos times varia de 2 a 42 jogadores de cada lado. Quem é ruim vai para o gol. Pernetá joga na ponta esquerda ou direita, dependendo da perna que falha. De óculos é meia-armador, para evitar os choques. Gordo é beque. Magérrimo tem que correr o campo inteiro. Alguém pode ser comum, chutar para os dois lados ou para o lado que o nariz estiver virado. Não tem juiz. Salve-se quem puder! Normalmente o time dos mais briguentos leva vantagem. Muitos ganham no grito. No futebol de rua, a partida só pode ser paralisada em quatro eventualidades: se a bola cair no quintal da vizinha chata. Neste caso os jogadores esperam 10 minutos pela devolução voluntária da bola. Se isso não ocorrer, os jogadores devem designar voluntários para bater na porta da casa e solicitar a devolução: primeiro com bons modos e depois com ameaças de depredação.

Dependendo da ferocidade do cachorro alguns pulam o muro. Quando passar na rua qualquer garota gostosa, de preferência loira; Quando passar mulher peituda ou bunduda que a molecada mexe e ela dá bola ou xinga. Quando passam veículos pesados. De ônibus e caminhões para cima; bicicletas e fusquinhas podem ser chutados junto com a bola e, se entrar no gol, é Gol!

São permitidas substituições nos casos de: um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer lição, pela mãe ou irmã mais velha. Jogador que arranca o tampão do dedão do pé. Porém, nestes casos, o mesmo acaba voltando à partida após utilizar aquela água santa da torneira do quintal de alguém ou com um pedaço de pano amarrado sobre o machucado. Em caso de atropelamento.

A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar o adversário dentro do bueiro. Os casos de litígio são resolvidos na porrada, prevalecem os mais fortes, quem pegar uma pedra antes ou ganhar no grito e ameaças.

Meninas quando aparecem só jogam no gol; as valentes que batem nos moleques jogam em qualquer posição; levam vantagens dando tapas; são chamadas de “muié-macho” ou cavalonas. Quem marca muitos gols chega mais cedo na escola, no dia seguinte, para contar vantagens; é rodeado pela molecada e paquerado pelas meninas. Roupas rasgadas são aproveitadas para se fazer outras bolas.

Quando se xinga a mãe dá briga boa e os outros incentivam: “quem for homem gospe aqui” (colocando a mão na frente pra saliva pegar no outro) ou “quem for homem pisa neste risco (riscando o chão para um pisar no pé do outro). cusparada e pisão no pé, a briga recomeça e esquenta. “sua mãe tá na zona ou é biscate

representam o xingamentos mais leves. Os moles são chamados de manteiga derretida, muiézinha, pamonha ou bundão. Quando um moleque toma bolada na cara ou no saco, ninguém socorre e ele fica se contorcendo em dor, gemendo e os outros dando gargalhadas. sangue no nariz ou na cara toda, segue o jogo.

quando alguém joga sem camisa, depois do banho e se suja, se não tem água por perto usa-se a meia com saliva para limpar; os outros o chamam de cascão. Os apelidos são variados: fedô, pé-de-ferro, baixinho, bambu, linguíça, sapo, vaca, zé mentira, paçoca, pé-mole, tiziu, panela de três pés, muié do padre, palito, capeta, cata-ovo. Se tem sardas é pintado, ferrugem e outros. Quem não jogou este verdadeiro futebol ou jogo de bola, perdeu um dos melhores momentos da vida.



Carlos Gustavo Fiorini
Praeclarus/Sta. Crus das Palmeiras/SP
carlospgh@uol.com.br

DIA DIFERENTE

É necessário que vocês conheçam meu nome (Magali) e o de minha irmã (Márcia) antes que eu comece a narrar os fatos. Por incrível que pareça, eu juro que escrevo coisas que me acontecem, não têm nada de inventado... minha vida é uma comédia, mesmo. Eu, minha mana e meu marido fomos fazer exames de sangue para diferentes e pequenas cirurgias: meu marido na testa e nos olhos, eu nas pálpebras e minha irmã quer livrar-se da miopia. No laboratório, para a retirada do sangue para fazer os testes habituais, meu marido foi o primeiro a ser chamado: ouvi um zunzum de um diálogo meio estranho entre ele e a atendente, mas nem dei muita atenção.

Fui chamada e a moça me olhou meio preocupada, perguntando-me se eu estava com medo, enquanto meu marido se recostava numa das paredes para acompanhar a retirada de meu sangue. Eu respondi que não tinha medo de nada e me sentei. Ela furou-me a orelha e disse que era para checar o tempo de coagulação.

Meu marido falou exasperado que não concordava em ter que furar a orelha, e perguntou por que o dedo não servia para esse exame. Eu dei um leve cutucão na mocinha e disse para ele com a cara mais séria do mundo: “É que a sua operação é na cabeça, então tiram o sangue da orelha; se fosse entre os ombros e o umbigo, tirariam do seu dedo; se fosse do umbigo para baixo, furariam o saco...” Só se ouvia o silêncio... meu marido de queixo caído... e a mocinha falou: “Graças a Deus que isso é mentira; já pensou eu aqui, furando saco o dia inteiro?”

Meu marido pediu licença e saiu apressado, dizendo que iria me esperar lá fora... Depois de tudo quanto foi furo e todo o sangue necessário retirado, fomos fazer eletrocardiograma. Apareceu a atendente e falou: “Dona Maria Aparecida...” e minha irmã berrou “É Márciaaaa!” Ela odeia ser chamada de Maria Aparecida e isso sempre acontece... Na minha vez, sala de espera lotadinha, foi “Dona Marli Aparecida...” e eu berrei: “É Magali! Marli é a outra do meu maridooooo...”, que já havia trocado meu nome exatamente por esse uma vez. Pode?

Magali Lovatto do Nascimento
Praeclarus/Manduri/SP
megh37@hotmail.com



SUPERANDO O VAZIO

É um vazio que vai calando n 'alma...
É um vazio que elimina todo o amor...
Vem penetrando com ironia e muita calma,
sugando tudo... Até o último calor...

Depois de tudo destruir, dali se vai
em busca de outro coração pra penetrar...
De ser à ser, vai desfazendo se esvai
pois solidão não é sinônimo de amar..

Mas onde ainda houver amor sinceramente,
amor e vida, paz, harmonia e união,
não haverá como o vazio penetrar...

Pois ali a vida, será sempre eternamente
doando ao outro e obtendo com razão
tudo que um dia quis da vida desejar!

*Maria Gertrudes Horta Greco
Conselho/Guaratinguetá*

RAZÕES

Queremos encontrar muitas razões
que elevem nossos pobres pensamentos;
fechamos para Deus os corações
e as leis dos homens tornam-se tormentos.

Nós procuramos remendar rasgões
que produzimos todos os momentos.
São tantas nossas falhas e senões
a nos tornar famintos e sedentos

do amor de Deus em nossas tristes vidas,
que nos tornamos falsos e cretinos,
sem nem pensar em tantos desatinos,

que nos produzem lágrimas doridas.
Transforma, meu Senhor, nossa maldade
em novos odres plenos de Verdade !

*José Morgado
Colegiado/Pindamonhangaba
j-morgado@uol.com.br*

MUITO MAIS QUE PALAVRAS...

Muito mais que palavras,
lembranças permanecem vivas
em nossos pensamentos,
embora o tempo passe.
O fluir da vida
nem sempre
é como desejamos.
Percepções de gestos
e sentimentos
causam-nos dores, mágoas,
lágrimas e decepções...
Felicidade, sorrisos
e alegrias,
vemos desaparecer
como a água ocasionada
por fortes chuvas.
Muito mais que palavras,
atos quebram encantos
e mostram verdades.

*Ilda Maria Costa Brasil
Praeclarus/Porto Alegre/RS
ildabrasil@hotmail.com*

COMPARAÇÃO

A vida, já se disse,
é um jogo de xadrez.
As pessoas
são peças no tabuleiro.
Lutam e, nessa luta,
devoram-se.
Na vida,
como no jogo de xadrez,
quando termina a partida
as peças são confinadas,
sem valor algum,
em caixas de madeira...

*Leda Mendes Jorge
Colegiado/Niterói/RJ
ledaaidar@yahoo.com.br*

QUEM ESPERA SEMPRE ALCANÇA

Ao plantar uma semente,
Lança-se na terra uma esperança,
É do conhecimento de toda gente,
"Quem espera sempre alcança".

O nascer de uma plantinha,
Traz consigo uma esperança,
Quem não sabe adivinha,
"Quem espera sempre alcança".

Devagar a planta cresce,
Nós a temos na lembrança,
Cada folha que aparece,
Aumenta a nossa esperança.

Quando a planta está formada,
Resta uma nova esperança,
Parece não faltar nada,
"Quem espera sempre alcança".

Esperamos a planta florir,
Esperamos o fruto amadurecer,
Ver a vida para nós sorrir,
Sempre em cada amanhecer.

E assim nossa vida passa,
Pois a vida é uma balança,
Nada acontece de graça,
"Quem espera sempre alcança".

*Iva da Silva
Colegiado/Francisco de Paula/RS
s.iva@terra.com.br*

O mestre com liderança
ministra sábias lições
espalha doce bonança
dando exemplo nas ações.

*Leda Coletti
Conselho/Piracicaba/SP
leda.coletti@terra.com.br*

AMOLDAR

A vida me fez conhecer,
Num momento de divina luz,
Uma mulher maravilhosa,
Pedra rara, preciosa,
Um presente invulgar.

Quando em minhas mãos chegou,
Causou perplexidade.
Fiquei encantado,
Extasiado,
Admirando sua beleza.

Aos poucos, com certa malícia,
Fui amoldando-me a seus caprichos,
Encaixando-me em sua vida
E assistindo, gradativamente,
Sua entrada na minha.

Hoje, tanto tempo transcorrido,
Vivemos um para o outro,
Num apego tão encantador,
Que nada nos faz descrever
De que a vida é uma dádiva

*José Keitel Ribeiro
Decano/Tres Corações/MG
delkeid@yahoo.com.br*

ÓRFÃO DE DEUS

Num final de semana remexendo
nos meus guardados de época passadas,
nem tão passadas porque bem-guardadas,
neste meu coração ainda sofrendo.

Duas cartas achei, das mais amadas
com o peso do tempo esmaecendo.
E o estrago que ele lhes vem fazendo
tento barrar... ou não me sobra nada!

Vieram de um alguém que encontrei
e até hoje eu juro que não sei
se o seu afeto ao meu equivaleu...

Mas sei que por dever e por decência
decretamos o fim da existência
desse amor que nasceu órfão de Deus.

*Arlette Octaviano Rodrigues
Praeclarus/Óleo/SP*

UMPOLÍTICO NA ROÇA

Um candidato andava perdido
atrás de votos lá na roça.
por avó e neto foi atendido
na porta de uma palhoça.

Nem perguntaram o nome.
A velha avisou o netinho:
— Trate bem desse óme!
Mate um frango politiquinho!

— Tire leite da nossa vaca
e dê pra ele bem quentinho.
Esta pessoa está fraca,
não é mesmo, politiquinho?

O visitante quis saber
pó que o nome politiquinho.
A velha começou esclarecer:
— O nome do menino é Zezinho,
mas como começou a roubar
coisas de todos os vizinhos.
Aí foi apelidado de politiquinho!

*Miguel Gonzales
Piracicaba/In memoriam*

NOTA

porque voce causou tudo isso
porque voce foi embora
porque deixou como lembrança
somente uma nota.

porque voce não liga
porque voce não escreve
porque voce não manda uma nota.

*José Luiz Gomes Chicaneli
Assinante/Piracicaba/SP
chicanelli@ig.com.br*

OS OLHOS QUE MORRERAM

Teus olhos não percebem
não há luz, nem abrigo
são rochas escuras
que ainda permeiam sonhos
mas tasteiam cinzas...
Tua cabeça procura
caminhos vistos, mas perdidos
que já foram claros, alegres
e agora apenas semeiam...
Teus pés vagam de leve
medo imenso que não haja chão
enquanto mãos se batem
na procura vã de paredes...
A alma ainda treme
soluçando a noticia
da chegada desse palco negro
feridas abertas, repletas...
sinais escondidos
da duvida não vista...
As cores fugiram
As portas sumiram
Os sons aumentaram
As passadas são breves
mas sua alma ainda luta
busca a vida interrompida
pela falta de algum clarão...
Teu olhar continua
parado, inerte, focado
direcionados para um nada profundo
mas ainda bem-vindo...
Certo é que não mais vês
teus olhos morreram
mas a vida implora tua presença
mesmo que seja angulada
em tons cinzas, escuros, lápidos
e essa escuridão que em ti mora
nada impede qualquer amor
amor não olha cor
e transcende qualquer caminho
isso faz com que mesmo sem nenhum olhar
mesmo sem retinas, sem luz ou sem mar
tu mores dentro de muitos peitos...
e os olhos de nossos corações
tenhas a certeza
sempre serão teus...
Em foco a meu irmão
que ficou cego recentemente...

*Karina Lima dos Santos
Decana/Piracicaba/SP
karinalimasantos@hotmail.com*

A METÁSTASE

Entrei na Casa Santa, no corredor
Da tristeza, dor e da morte,
Vi homens, mulheres, vi
Crianças chorando,
Numa placa li que se
Deve fazer silêncio,
Respeitar os doentes,
Mas os gemidos e dores
Sempre num ritmo
Perfeito, continuando.

E a doença mortífera, espantosa
E inapelável,
O câncer voraz, destruidor,
Com sua terrível metástase,
Caminhava, lentamente, sobre
O organismo em êxtase,
Aniquilando o pobre corpo
Outrora inconquistável.

A metástase é um fenômeno
Maldito irreversível,
Um ataque feroz dos vírus
Sobre todos órgãos,
Triste combate que conduz o
Paciente à morte horrível,
Porque essa moléstia líquida
Quaisquer seres ou organismos são.

A tristeza, o fim, a morte é o
Terrível desenlace fatal,
Os médicos nesta batalha tudo fazem,
Lutam e se esforçam,
Mas a doença mortífera vence
Numa luta desigual,
E os vírus numa apoteose do mal,
Vencem e matam..



*Paulo Dias Neme
Praelarus/São Paulo/SP*

O JOÃO DE BARRO

Chamado João de Barro
Que construía sua casinha
Levando no bico
Um pedacinho de barro

Saiu um dia da floresta
E com a família veio morar na cidade
Pois os fazendeiros na
Ganância de ganhar dinheiro
Passaram inseticida na sua plantação

Contaminando suas terras
E o local de onde ele tirava o barro,
Além disso, cortaram as árvores
Onde ele fixava sua moradia

Na cidade ele viu o primeiro poste
Ali fez sua primeira casinha
Percebeu que outros pássaros do campo
Já voavam contentes entre casas e prédios
Dando alegria com seus cantos
Começou citar os nomes de alguns
As rolinhas, os sanhaços... beija flores,
Tico-ticos, sabiás, e outros mais

Ele contente começou a construir
Casinha de barro por toda cidade
Entrou no ramo da imobiliária
Pois suas casinhas para alugar
A placa dizia :
Aluga-se casa para passarinhos
“Imobiliária João de Barro”!



*José Roberto Panaia
Colegiado/Piracicaba/SP*

QUANDO A TECNOLOGIA ATRAPALHA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL?

Não há uma resposta simples a esta questão, até porque este paradoxo fundamenta a Clínica com Crianças, a luz da Psicanálise Contemporânea. Não podemos manter a Criança alienada das Novas Tecnologias; mas até que ponto, isto é saudável ou prejudicial para ela? Partindo-se do pressuposto de que: “Tudo que está na Falta ou no Excesso, podemos considerar Patológico”; tanto ela estar alienada ou extremamente enganjada, de uma maneira excessiva, nestas novas tecnologias, poderá atrapalhar o seu desenvolvimento emocional.

Freud (1909), ao relatar o caso do pequeno Hans, dá a seu sintoma o mesmo estatuto de uma problemática trazida por um analisando adulto. No entanto, indica no mesmo caso clínico, como os pais de Hans poderiam diminuir a incessante torrente de perguntas do filho se lhe esclarecessem a respeito de Temas do seu questionamento. Neste sentido, o entrelaçamento do sintoma da criança às fantasias parentais coloca o psicanalista em uma posição de ouvir diferentes demandas e discursos sobre a Criança para poder intervir como um elemento separador, permitindo um descolamento entre a demanda dos pais e o sintoma da criança.

Enquanto para Anna Freud (1964) as forças a enfrentar na cura de uma neurose infantil são não só internas, mas parcialmente externas em função da fraqueza do superego da criança; para Klein, o aparelho psíquico se encontra constituído desde as origens através dos Mecanismos de projeção e introjeção.

Ou seja, a partir de tais constatações teóricas, Anna Freud irá privilegiar a vertente Pedagógica na Análise de uma Criança, através da orientação de pais; enquanto Klein irá desconsiderar a influência dos pais da realidade, já que seu maior interesse vai recair sobre a imago internalizada dos pais e a vida fantasmática da Criança. Já, Mannoni (1967), tão próxima dos nossos dias, e que ainda, cita os pressupostos deixados por Freud e que não foram contemplados por sua filha a Anna Freud; pela Melanie Klein; pelo Winnicott; etc...

Ao afirmar que “a Criança não é uma entidade em si, mas faz parte de um discurso coletivo”, indica não só as diferentes demandas que surgem no processo psicanalítico de uma criança (demanda parental, demanda da criança, demanda do analista em relação à sua própria infância), como as divergências teóricas implícitas na direção clínica escolhida por diferentes autores.

O *Espaço Potencial*, de Winnicott, não se trata da cena dramática Freudiana, na qual se confrontam as figuras parentais e se repete incessantemente o originário fantasmático; e nem tampouco, do receptáculo Kleiniano de bons e maus objetos destinados à indefinida combinatória de projeções e introjeções.

E sim, uma zona psíquica Intermediária, matriz da experiência cultural, é um terreno de jogo, de fronteiras indeterminadas, que *faz* nossa realidade, designando a possibilidade de vir a existir um espaço onde antes não existia nenhum.

Com a Globalização e a Modernidade, algumas dificuldades, aconteceram, como o distanciamento físico entre os Seres Humanos. Devido à agilidade dos meios de comunicação no século XXI, o contato “ao vivo” com outras pessoas diminuiu nos últimos anos e tende a cair ainda mais. Tudo isso porque é mais rápido fazer uma ligação; falar pelo Skype, Messenger ou enviar um e-mail a um amigo, por exemplo,

do que encontrá-lo; independente da distância que os separe fisicamente está interligado, íntimos, através das Redes Sociais... Não seria este o Novo Espaço Potencial, de Winnicott?

Nos nossos dias? Se lembrarmos do Sociólogo Zygmunt Bauman, Autor de “O Mal-Estar da Pós-Modernidade”; “Medo Líquido”; “Modernidade e Ambivalência”; “Modernidade e Holocausto”; “Modernidade Líquida” e “amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”.

A meu ver, analisa o que torna as relações humanas altamente vulneráveis e as conseqüências desse processo, entre elas, a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos; e, esta Insegurança, numa vida de isolamento e distanciamento das pessoas na modernidade em que vivemos, com uma oferta infinita de tecnologias da comunicação do mundo globalizado, é que, estimula a carência afetiva cada vez mais evidente nos Seres Humanos e a perversidade do “bebê perverso polimorfo” que habita dentro de cada um de nós... Que nos leva ao acting out...

A uma evacuação Beta, segundo Bion... Faz se mais fácil viver num falso self, sublimando o Sentir, numa Representação Coisa, de intelectualizarão, de Racionalização e não numa Representação objetal, muito mais sadia...

Com o advento da Informática, este mundo de oportunidades quase infinitas aumentou a insegurança e a desconfiança. Muitas pessoas, especialmente as mais jovens, evitam Vínculos Estáveis e consistentes com medo de sofrerem amargas decepções. O vínculo afetivo se associou a sofrimento.

Vivemos em uma cultura do cinismo, da falta de ética, da deslealdade e da traição. Os valores foram arrastados pelas ondas da sociedade digital. Basta deletar do Facebook, bloquear e-mail, messenger e pronto.

Desta forma, os problemas estão parcialmente resolvidos. Não seria isto que as nossas Crianças estão introjetando? imitando? Será que Albert Einstein previu o nosso futuro?

Quando escreveu: “Eu temo o dia em que a tecnologia ultrapasse nossa interação humana, e o mundo terá uma geração de idiotas”. Albert Einstein. Será que o dia que Albert Einstein tanto temia finalmente chegou?

Um dia com Amigos na praia... Torcendo pelo time... Jantando com os Amigos... Num almoço de Família... Durante um compromisso íntimo... Conversando com sua melhor Amiga... Visitando um Museu... No cinema, no Teatro, no Concerto...

Curtindo uma linda paisagem... Os Obesos mórbidos com dificuldades de locomoção, com vidas quase vegetativas... “Cada um no seu quadrado”, no seu iphone, ipad, ipod touch, tablet, teclando no isolamento consigo mesmo?



Célia Gevartoski
Praelarus/Piracicaba/SP
celia_gevartoski@yahoo.com.br

O BRASIL DO IMPÉRIO À REPÚBLICA

No decorrer do reinado de D. Pedro II, o Exército passou por profundas reformas. A autoconfiança adquirida com a vitória sobre as forças de Solano Lopes, a democratização do acesso ao oficialato e a alforria dos escravos alistados, assim como o contato com oficiais abolicionistas e republicanos passaram a revelar as contradições do Império. O Brasil era um país escravista que tinha, para defendê-lo, um exército formado, em grande parte, por soldados negros.

A oficialidade voltou da Guerra do Paraguai consciente de sua importância na vida nacional e disposta à ação política. Surgiu então um impasse entre as elites e os militares, que passaram a ter algumas das suas reivindicações atendidas, ao mesmo tempo em que foram, pouco a pouco, desmobilizados, surgindo, em decorrência, a chamada “Questão Militar”, criando-se verdadeiro abismo entre os políticos e os militares. A cúpula militar continuava apoiando a monarquia, mas os oficiais de baixa patente eram bastante receptivos às novas idéias republicanas.

O descontentamento das forças armadas foi demonstrado em diversas oportunidades: o projeto de reforma do montepio militar, a homenagem prestada pelo coronel Sena Madureira ao jangadeiro Fran-cisco do Nascimento, que se negara a transportar escravos, o não cumprimento, pelo marechal Deodoro da Fonseca, da determinação do Ministro da Guerra, no sentido da punição do coronel Sena Madureira e o apoio por ele recebido de toda a oficialidade gaúcha. Em 13 de maio de 1888, por esmagadora maioria, o Parlamento aprovou o projeto que extinguiu a escravidão, assinado pela princesa Isabel, então regente do trono, e que tomou o nome de “Lei Áurea”.

Abolida a escravidão, a base política do regime monárquico, constituída quase que inteiramente pelos proprietários escravistas, ruiu fragorosamente, uma vez que eles passaram para a oposição, tornando-se antiescravistas e até mesmo republicanos, o que deixou a monarquia isolada. Em 1887, a princesa Isabel assumiu, pela terceira vez, a regência, tendo perdido grande parte do prestígio que adquirira pela assinatura da “Lei Áurea”. D. Pedro II retornou ao Brasil, de uma viagem à Europa para tratamento de saúde, não reassumindo efetivamente o poder, pouco assíduo às atividades públicas e permanecendo por longos períodos em Petrópolis. E a efervescência republicana crescia. O regime monárquico, entre maio de 1888 e novembro de 1889, agonizava, desautorizado pelos escravistas descontentes com a “Lei Áurea”, perturbado pelos rumores a respeito do estado de -saúde do Imperador e abandonado pelos antigos adeptos.

Os republicanos temiam a “violência revolucionária e passaram a apostar numa “solução militar”. Com este espírito, o último gabinete da monarquia foi montado numa tentativa de absorver algumas das reivindicações oposicionistas. Assim, estrangulada em sua própria centralização de governo, a monarquia foi derrubada por militares, que viam no regime federativo a única saída para os problemas de um novo Brasil. Pressionado por Benjamim Constant e José do Patrocínio, que lançaram violenta moção, conclamando as forças armadas a proclamarem a república, finalmente, no dia 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca assinou o ato da Proclamação da República. Estes 123 anos de regime republicano foram conturbados por duas guerras mundiais, revoluções internas, renúncias, golpes e períodos ditatoriais.

Hoje cabe uma indagação. O advento da república foi bom para o Brasil, ou teria sido melhor estarmos ainda hoje vivendo sob um regime monárquico?



Hugo Gonçalves Roma
Praeclarus/Rio de Janeiro/RJ

A LEI MOLHADA

Essa lei foi instituída há muito tempo, foi outorgada pelos próprios brasileiros, sendo democraticamente aclamada nos bares, festas, carnavais e todas as reuniões sociais do mundo inteiro onde o desejo étlico domina.

As pessoas que não se adaptarem a esse sistema serão marginalizadas sob pena de degredo das reuniões de amigos, taxadas de anti-sociais, evangélicas ou algo similar, pois nada pode interferir no relacionamento dos amigos do copo. O jeitinho brasileiro é o maior aliado dessa lei, nem a normativa oposta do nosso presidente Lula, a lei seca, consegue sobrepujar os anseios da sociedade acorrentada por essa diversão. A violência aumenta, o consumismo vai atrás, os acidentes nas estradas é melhor nem comentar, mas nessa hora “animada” não tem para ninguém, pois a sociedade exige o cumprimento da mais famosa norma, a do copo cheio, pois o principal parágrafo desse mandamento é o álcool misturado com alguma coisa, o resto, tudo pode.

Só não pode ser marginal aos cidadãos cumpridores da regra social primordial na conduta dos levantadores de copo. Então o que você está esperando aí sentado? Nesse verão cheio de comemoração, você não quer arriscar ser riscado do mapa do mundo dos formidáveis e alegres colaboradores da lei molhada, os fiscais estão de plantão com a taça na mão e um talão na outra, não de multa, mas de pedidos, porém no outro dia, caso você não entre na jogada, será o mais chato da paróquia e esqueça círculo social!



Marcelo de Oliveira Souza
Titular/Salvador/BA
marceloosouzasom@hotmail.com

OH! “VIDA MARVADA”

“A luz crua dos dias sertanejos
brilham ofuscantes
por muitas léguas”.

O homem, filho da Terra, agora um Migrante. O chamado da Urbanização e as condições de pobreza, faz com que a gente do campo, migre para a cidade na busca de trabalho. Sem estar qualificado, tem dificuldade em encontrar, o que leva o aumento do contingente dos desempregados e dos sub empregados. É notória a ruptura da estrutura familiar tradicional. O homem abandona seu lar para trabalhar na cidade. A mulher forçada a exercer o papel de chefe de família, sozinha, sobrecarregada, passa a questionar o seu tradicional papel. O homem incapaz de exercer seu papel tradicional de protetor e provedor, sente-se envergonhado e desesperado..

“A luz dos dias largos
Flameja sobre o Homem e a Terra”

Hazel de São Francisco
Colegiado/São Paulo/SP
hazeldesaofrancisco@hotmail.com



DE MÃOS ENTRELAÇADAS COM A MORTE

“ Enquanto não tiveres conhecido o inferno, o paraíso não será bastante bom para ti.”(Vauvenargues)

O inverno se fez diferente neste ano. Os Zéfiros traziam, junto à neblina, toda força gélida para mostrar aos homens que são eles os culpados dessas intempéries devastadoras. Todas as manhãs, eu saía bem cedo para as minhas sessões de fisioterapia, que continuo até hoje. Muitos estavam sofrendo de dores e esperavam por momentos de alívio, pelas mãos dedicadas dos médicos e fisioterapeutas. Uma porta se abriu. Chamaram-me. Não conhecia esta especialidade fisioterápica respiratória.

Foi um grande médico que me indicara. A costela quebrada e a drenagem danificaram um terço do pulmão de onde saiu um litro de sangue. Quanta falta de ar! Haveria salvação? “Melhora. Cura não”. A fisioterapeuta era especial. Dócil, otimista, paciente, piedosa, incentivadora na busca da saúde. “Vai! Mais uma vez! Mais uma! Força! Mais uma... Isso! Ótimo!” Que trabalho bonito o da Maíra! Eu fiz vinte sessões, no NAPS, hoje continuo na minha casa e no CTO. É. Eu precisava mesmo desse tipo de medicina alternativa no pulmão, por causa do terrível acidente que quase me matou.

O pior é que me esquecera de levar a carteirinha da UNIMED/UNIPAN. Colocaram-me a maca do SUS, no corredor de um hospital enorme em São Paulo. Eu gemia de dor. Saía sangue pelo nariz, pela boca. Preferia estar morta porque as dores e a falta de ar eram insuportáveis. A seguradora apareceu e me trouxe para São Carlos, de manhã. Sobrevivi. Aqui encontrei excelentes médicos que me devolveram à vida. Benditos médicos! Eu, vil e imprestável ser humano, devia ter morrido. T

eria deixado de molestar pessoas que não gostam de mim e dos meus pensamentos. Mas Deus me devolveu à terra porque ainda não chegara minha hora. Eu vivera o inferno naquele hospital de São Paulo. Estava numa maca, num corredor gelado, com frio de 11ª, e ar condicionado, bem em cima do meu quase cadáver. Passei uma noite e uma madrugada inteira, tremendo de frio e de dor. Estava só com as roupas íntimas e um lençol. Era muita gente estraçalhada para tão poucos médicos e enfermeiros. Senti apenas um pano gelado na minha testa e embaixo dos braços para baixar a febre. E uma ida à sala de tomografia. Os corredores imensos estavam lotados de gente sem pernas, sem braços, com cabeça rachada, derrame, infarto, etc., etc., nos dois lados dos corredores. Uma gritaria e gemidos dolorosos eram só o que se ouvia. O Inferno de Dante era menos doloroso. Ao chegar à sala da tomografia, dois enfermeiros?

Ou moleques? Pegaram, cada um, a ponta do lençol, onde eu estava. Meu corpo dobrou. Eu dei um grito que todo o hospital deve ter ouvido. Diziam: Vamos lá: “É um. É dois! É já!” E me atiraram na outra maca da tomografia, como se eu fosse um porco gordo indo para o sacrifício. Os meus arcos costais e minhas costelas quebradas enterraram na minha carne, naquele momento. Meus gritos, eu os ouço, ainda hoje. Como esquecer tal trauma? Ao sair da tomografia, a mesma coisa. Supliquei. Não me tirem daqui! Deixem-me morrer aqui! E me disseram: “Como a Senhora entrou, a Senhora vai sair”. Se isso não for o inferno, não sei o que poderia haver de pior, depois da morte

Irene Zanette de Castañeda
Praeclarus/São Carlos/SP
irene@power.ufscar.br



ASTRÊS CRUZES DO PADRE MURAZZO

Bastante emocionada com este livro do padre Murazzo, não pude deixar de levar aos que lêem a minha coluna, informações preciosas desse ser humano totalmente voltado ao seu próximo e aos seus fiéis, homem e sacerdote que nasceu na Itália (em Palata, 1936) e foi ordenado na Congregação dos Missionários Xaverianos (1963), pelo cardeal Rugambwa, bispo africano.

Padre Murazzo tem uma longa vida de passagens e trabalhos por terras e países desenvolvendo sua missão em várias dioceses como evangelizador, pároco, educador e animador missionário, entre muitas outras atividades chegando até, a Superior Provincial dos Missionários Xaverianos por sete anos.

Em 19 de junho de 2011 foi nomeado Pároco em Piracicaba, da Paróquia Imaculado Coração de Maria, na Paulicéia. Uma vida rica de ensino do Evangelho e comprometimento com a sua fé e seriedade voltadas em todos os seus propósitos, em primeiro lugar em sua vida.

Côncio da escolha que fez carismático e de bondade extrema, desprovido de vaidade, cujo único intuito é “andar pelo mundo todo para evangelizar e difundir a palavra, batizar e ensinar, mas também para ouvir, compreender, ajudar e amar como Cristo ensinou a fazer compartilhando e suavizando as dores dos outros”. Um sacerdote convicto que, antes de qualquer coisa, se dedica a fazer de sua existência, uma missão de amor e sacrifício, sobretudo “aos pequenos, aos pobres e aos simples”, como ele mesmo cita em sua dedicatória do livro, a que deu o nome de “Cruzes no Caminho - O sofrimento à luz da fé cristã”, cujo tema ressalta Jesus Cristo, que é única e exclusivamente amor, e, que salva a todos que Nele crêem de geração a geração, com esse sentimento incansável e perfeito, pois, crucificado entre dois ladrões, o mau, que deixou uma mensagem de “rebelião” não servindo para nada, não se salvou e nem salvou os outros, mas o bom ladrão que deixou uma mensagem de resignação e se salvou (“Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”) (Lc. 23 43).

O referido livro (também lançado em italiano com o título “Le Tre Croci”) pode ser encontrado tanto na Igreja do Padre Murazzo, como nas livrarias católicas da nossa cidade, traz o prefácio do Cardeal Crescenzo Sepe, Arcebispo Metropolitano de Nápoles, que ressalta “as dores e as feridas dos homens do mundo que não vemos, mas que existem, e, que muitos são condenados a carregar, mas cuja ocasião poderá ser de resgate e mudança para melhorar a nós mesmos e nosso relacionamento com os outros”, será lançado dia 28 de julho próximo, na Livraria Nobel da Rua Morais Barros no centro, às 10 h. da manhã (email: murazzo@terra.com.br).

Convido meu leitor amigo a folhear os comoventes capítulos de mais este livro abençoado do Padre Giovanni Murazzo para, quem sabe, amenizar nossas dores ou fazer compreender os sofrimentos dos outros, aplicando muito mais nossa fé nas agruras da vida que tantos passam aliviando e ajudando a “carregar nossas cruzes e as cruzes do próximo” com muito mais compaixão, caridade, empenho, generosidade e Amor sincero, armas que fortalecem o espírito e ajudam a abreviar os sofrimentos desta vida.



Maria Helena Corazza
Praeclarus/Piracicaba/SP
333@merconet.com.br

MEMORÁVEL GRANDE OTELO

As agências, noticiaram o mal súbito de Grande Otelo ou Sebastião Bernardes de Sousa Prata (1915-1993), em Paris, onde fora receber o prêmio de destaque como ator negro num festival de cinema em Nantes. Grande Otelo, por ironia do destino, uma semana antes do desenlace, no Aeroporto Charles de Gaulle, lançara o livro de poesias “Bom Dia, Manhã” na capital federal. Ator muito solicitado.

Otelo representou “Macunaíma”, “Saci Pererê” e “Negrinho do Pastoreio” no cinema, “Sancho Pança”, no teatro, e na roda viva do cotidiano era Dom Quixote contra os Moinhos de Vento. No começo, era uma vez o Circo que passava pela então aldeola Uberlândia, atraindo a petizada nos idos de 1925.

Na companhia burlesca engajou-se e rodou o Brasil inteiro. Citamos, agora, alguns versos do livro “Não, eu não vou a Paris”: “Sabe, eu queria ir à Paris/ O centro da cultura do mundo/ Tava me sentindo no meio dos outros como se fosse um vagabundo/ Puxa, fiquei tão feliz e contente/ Quando eu vi tanta gente...

Sabe de uma coisa, João?! Tão cedo não quero, ir a Paris não/ Vou ficando por aqui mesmo/ Com o Sarney, depois o Collor/ Eles estão, no barco, se agüentando”. O livro contém o prefácio de Jorge Amado e intróito de Antônio Olinto de quem parafraseio: Indagaram-me certa vez, qual a melhor definição para poesia.

“Fulana fala como chuva” outra vez, fala “Em seus versos, no palco, na vida”, Otelo fala como chuva. Na década de 1950, realmente, testemunhamos a fase da chanchada, onde pontificava ao lado de Oscarito, Zezé Macedo, Ankito, Zé Trindade, Jô Soares e outros personagens de elenco musical.

A vida, na verdade, copiou o filme “Rio, Zona Norte”. Narrado em flashback. A história inicia-se com acidente ferroviário. Prestes a morrer, relembra o roteiro na memória No “The End” fecham-lhes os olhos à vida para a outra dimensão inevitável. Num remate, os fãs dizem: “Me engana que eu gosto!”



Valdemar Alves Júnior
Conselho/Fortaleza/CE

OS OFENDIDOS

Eles se proclamam, as criaturas mais justas deste mundo mesquinho conhecido. Geralmente se ofendem por pouca coisa, são cobertos de razão e vítimas sempre. Nunca aceitam nenhum argumento, pois que, como vítimas têm todo o direito dese sentirem assim e assado.

E o que é o pior, sempre encontram pessoas complacentes com estas atitudes, seja por ignorância, vaidade, avareza ou outro qualquer destes defeitos anacrônicos que carregamos deste o nosso nascimento.

Até quando perguntado se o dia vai bem, eles se ofendem.

Um bom dia pode levá-los à loucura. Afinal, eles são “os ofendidos”. Viva a natureza pródiga! Viva o mestre! Viva o coração!



Altair Sérgio Venarusso
Conselho/Dois Córregos/SP
bvenarusso@hotmail.com

TRISTES ESPÉCIMES

Não vou dizer que fiquei estarecida porque, infelizmente, tenho visto e sabido de tanta coisa horrorosa que perdi a capacidade de me estarecer. Mas ainda me chocou o caso da mãe menina de 11 anos lá do Rio Grande do Sul. Pobre, filha adotiva, abusada pelo pai adotivo desde pequenininha e grávida assim que seus ovários amadureceram o mínimo necessário para a concepção. Diz ela que ainda quer ser cientista, que não sente raiva de ninguém, apenas amor pelo filho. Perguntada sobre o que deseja para a criança responde: “Que tenha educação e respeito.”

Bingo! Era o mote que eu precisava para a costura que desejo fazer. Existem mães que só deram a seus filhos a vida biológica, porque dificultam enormemente o desenvolvimento psico-social dos mesmos, tornando-os reféns de suas mentes doentias e da visão retorcida que têm da vida, dos fatos e das pessoas.

Comprazem-se em manipular cabecinhas inocentes, às vezes ainda na primeira infância, usando de ardis e artimanhas inqualificáveis para obter da criança uma cumplicidade forjada à custa de toda sorte de prêmio.

Não são mães. São monstros. Não hesitam em comprometer o equilíbrio emocional de anjinhos de quatro, cinco anos desde que possam atingir, através deles, seus desafetos. Obrigam a criança ao desamor, mentem, trapaceiam, oferecem brinquedos, substituem refeições saudáveis por porcarias industrializadas, entopem a casa de brinquedos desnecessários e apreciados por um ou dois dias apenas, tudo isso para barganhar afeto, fomentar ciúmes, criar desavenças.

Vocês conseguem imaginar uma mãe que oferece presentes ao filho pequeno desde que ele deixe de gostar desta ou daquela pessoa? E a Infância, onde fica? E os valores reais? E a sinceridade nata dos pequenos? Aos cinco anos, já encontramos crianças capazes de mentir, de fingir, de fazer jogo duplo, completamente perdidas entre o certo e o errado, por culpa dessas mães.

É claro que este tipo de comportamento parte de pessoas ociosas, sem rumo, sem objetivo na vida, com tempo integral para arquitetar maldades. Poderiam estas criaturas cozinhar para seus pequenos, ler histórias para eles, sentar no chão para brincar, ensinar a rezar, organizar suas coisas, ao invés de desperdiçar o tempo entortando, às vezes para sempre, a cabeça e os valores de um inocente.

Como não são pobres, o Conselho Tutelar não se ocupa desses anjinhos que sofrerão na vida mais até do que os favelados, refugiando-se nos vícios, nos medos para fugir da confusão sentimental e ética criada por essas falsas mães. Uma menina pobre, estuprada, mãe aos onze anos quer inculcar “educação e respeito” em seu filhinho. Oxalá todas as mães quisessem a mesma coisa! Que lição!

Maria Luiza Vargas Ramos
Conselho/Florianópolis/SC
baisa@matrix.com.br



IVAN MARQUES

CABELEIREIROS

15% de desconto para os sócios do Clube dos Escritores

Rua Riachuelo, 545 * Centro * Piracicaba

Fones: 3433-7077/3371-1077

UM SONHO DE VERÃO.

Sinto uma tristeza na alma...
 Meus olhos cansados de tanta
 maldade, não encontram
 o motivo da vida...
 Ilusão...sim somente
 a ilusão continua persistente...
 Construo um mundo que não existe...
 meu mundo é só de sonho e ilusão
 O mundo que eu queria não é este...
 Parece que até o amor esta morrendo!
 Não existe mais o amor?...
 Será que a vida continuará
 sempre assim?...
 sem amor e sentido
 para todos que almejam
 um pouco de paz na alma...?
 Olho para o mar e vejo um vazio...
 Procuo decifrar a mensagem triste
 que vem do poente, mas encontro
 apenas um pouco de brisa leve que
 vem tocando a minha alma,
 despertando alguns sonhos
 já mortos pelo esquecimento...
 Vivo simplesmente de ilusão...
 sonho com um amor que não existe e,
 que talvez nunca mais existirá,
 pois a brisa leve que vem do mar
 tocará sempre em meu coração
 e meus passos sem destino
 caminharão sempre pela areia
 Caminharão pela areia
 onde deixaram marcas
 que o vento apagará com o tempo...
 Sou um banhista também...
 procuro esquecer através deste mar,
 um sonho... um sonho de criança
 que já morreu e, que já se foi para sempre...

Luiz Antonio Pereira da Silva
Praeclarus/Capivari/SP
luispereira4561@yahoo.com.br

CAFÉ COM LEITE

O “*Psiu Poético*” de 2003 terminou
 e a volta a São Paulo, no coletivo
 das dez da noite, após uma
 maratona de dez dias,
 nos convida ao cochilo
 na certeza do dever cumprido.

Depois da parada em
 Belo Horizonte para o gostoso
 café com leite quente,
 temos a volta do ônibus
 na pista principal.
 Voltamos ao cochilo.

A insistência de uma garrafa vazia
 a rolar no corredor do ônibus,
 que corre na estrada asfaltada,
 nos tira da gostosa sonolência.

No meu despertar fico a lembrar
 nos novos poetas que conheci
 durante aqueles alegres dias.
 Tornaram-se amigos, ao ponto,
 de nos classificar, no café
 e leite com poesias.

Os poetas de pele morena
 queimada de sol, simbolizando
 o café da terra mineira.
 Oh, ilustres poetas!
 Mineiros de raça, que chegam
 comparar a brancura da pele
 das poetas paulistas, ao leite
 De graça... Que contraste!

Odila Placência
Titular/Barueri/SP
odilaplacencia@hotmail.com

TESOURA E PAPEL

Era uma vez: um menino
 calado, franzino,
 mas de olhos espertos.
 Passava-se o dia
 e a gente esquecia
 que ele estava por perto.

Natal se aproximava
 e o menino contava
 os dias nos dedos.
 Mas o dinheiro faltava,
 e ele mesmo inventava
 seus próprios brinquedos.

Com uma tesoura,
 um cabo de vassoura,
 um papel cartão...
 E hora era um carrinho;
 ora, um cavalinho
 ou um avião.

E assim o tempo passou
 e, um dia, desencantou
 aquele “papai-noel”.
 E, nunca mais, os problemas
 resolveram-se apenas
 com tesoura e papel.



Paulo Franco
Titular/Rio de Janeiro/RJ
pauloanchieta@oi.com.br

RECICLAGEM

Hoje eu quero abrir armários
 e gavetas de minha vida
 Vasculhar os meus guardados
 Cicatrizar minhas feridas...

Quero desfazer-me de lembranças
 Que só me fazem sofrer
 Deixar espaço para as que, realmente,
 Valem a pena reviver....

Quero lembrar sorrisos e alegrias
 Recordar amores e felicidades
 Jogar no incinerador do esquecimento
 Lembranças de fatalidades...

Cesto do lixo para papéis marcados
 De tragédias ou repletos de dor.
 Cantinho especial para os que guardam
 Momentos ternos e únicos, de amor..

Lugar cativo e certo para os objetos
 Testemunhas de alegrias desmedidas.
 Fora com os lenços que enxugaram
 Minhas lágrimas doloridas...

A limpeza foi completada
 A alma limpa, faxina está feita..
 Percebo-me um ser diferente,
 Sinto-me renovada e refeita...

Restaram gavetas vazias
 E o coração em compasso de espera
 Pronto a viver em paz outra etapa,
 Ansioso para começar nova era...

Regina Célia R. Tavares
Decana/Bebedouro/SP
reginacr@yahoo.com.br

Após votação na Internet apresentamos os escolhidos para receber o “Prêmio 25 anos”

Adelgício José de Paula
 Adryadson Flabio Nappi
 Airton Muraroli
 Alceu Brito Correa
 Almir de Souza Maia
 Amélia Marcionila Raposo da Luz
 Ângelo Luiz de Souza Vargas
 Antonio Dressano
 Antonio Oswaldo Roccia
 Araci Aparecida da Silva
 Aracy Duarte Ferrari
 Aristides de Almeida Rocha
 Arlette Octaviano Rodrigues
 Augusto Barbosa Coura Neto
 Áureo de Mello
 Benedita Silva de Azevedo
 Benedito Carceles Tavares
 Carla Rosane Lima de Moraes
 Carlos de Moraes
 Carlos Eduardo Pompeu
 Carlos Gustavo Fiorini
 Carmelinda Rodrigues da Cunha
 Cecy Barbosa de Campos
 Cezário de Campos Ferrari
 Ciro Celso Piazza
 Cosme Custódio da Silva
 Darcy Reis Rossi
 Dirce Ramos de Lima
 Edison Januario Sturion
 Edmur Clóvis Granato
 Edson Daniel Mazolini
 Elda Nympha Cobra Silveira
 Eliseu Oro
 Elza Pinto Alemão
 Expedito Neves Caneta
 Filemon Félix de Moraes
 Francisco de Assis Ferraz de Mello
 Frederico Eduardo Wollmann
 Geraldo José Sant Anna
 Geraldo Romanini
 Gregório Marchiori Neto

Guido Negri
 Hazel de São Francisco
 Henrique Borlina de Oliveira
 Homero Anefalos
 Hugo Gonçalves Roma
 Ilda Maria Costa Brasil
 Inês Tafarelo Tuon
 Iolanda Martha Beltrame
 Irene Zanette de Castañeda
 Ivo Gomes de Oliveira
 Izidoro Camolez Filho
 Jayme Rosenthal
 João Alves Filho
 João Bosco de Castro
 José Antonio de Godoy
 José Aref Sabbagh Esteves
 José Atanásio Borges Pinto
 José Honorato Fozzati
 José Keitel Ribeiro
 José Morgado
 José Otávio Machado Menten
 José Roberto Panaia
 José Rodrigues de Arruda
 José Ubaldo Santos
 Júlio Lopes Queiroz Filho
 Lauro Teixeira
 Leda Coletti
 Leda Mendes Jorge
 Luis Antonio Pereira da Silva
 Luiz Barboza Neto
 Luiz Eduardo Caminha
 Luiz Haroldo Gomes de Soutello
 Marcelo Astolphi Mazzei
 Margarida Aguiar Percin
 Maria Cecília Cosentino Franco
 Maria Gema Martins
 Maria Helena A. Corazza
 Maria Luiza Vargas Ramos
 Milton Mariano de Souza
 Nadir Silveira Dias
 Nelson Maia Schocair
 Nelson Marzullo Tangerini

Neuza Mainardi
 Paulo Alberto Garbus
 Paulo Murilo Carneiro Valença
 Pedro de Quadros Du Bois
 Pedro Luis Dias Galuchi
 Pilar Reynes Casagrande
 Raymundo Farias de Oliveira
 Regina Célia Ribeiro Tavares
 Reginaldo Costa de Albuquerque
 Rita Bernadete Sampaio Velosa
 Sérgio Antonio de Oliveira Pedroso
 Soely Regina Camargo Manoel
 Terezinha Ofélia Nascimento Rennó
 Varuna Viotti Victória
 Vera Maria de Barcellos
 Yasmin Anefalos
 Zilda Pires da Silva Teixeira

CRÔNICA

OS JOVENS BRASILEIROS DE HOJE

Os jovens brasileiros, apesar de representarem grande parcela da população como um todo não tem atuado proporcionalmente no papel de cidadãos. O fato é que os adolescentes têm demonstrado falta de preocupação com a sociedade, caracterizando a geração individualista que se tem atualmente.

No entanto, o individualismo exacerbado, consequência da competitividade do mercado de trabalho e até da imposição da mídia, não é o único fator que acarreta a diminuição do exercício de cidadania entre os jovens. Há também a falta ou mínimo incentivo à essa atuação. A origem desse estímulo parte do exemplo dos pais e do ensino educacional, nos quais há falhas devido à implantação muito recente da democracia no Brasil – e, portanto, uma herança cultural que ainda está sendo moldada.

Outra conjuntura que inibe o jovem de participar das decisões da sociedade é a visão negativa que se tem, através do senso comum, sobre a opinião nos diversos setores do país: a opinião gera indiferença ao outro e pode até ofender àquele que recebe a crítica. Além disso, setores como a economia e a política do Brasil têm estruturas complexas de funcionamento e exigem um conhecimento amplo daquele que se propõe a entendê-lo veementemente.

Sendo assim, a atuação do jovem brasileiro como cidadão não é um mero direito e dever deste, mas sim uma grande correlação de sistemas que levam à isso. É necessário, portanto, investir na educação desde a infância, para que a cultura brasileira cresça linearmente com o exercício da cidadania. O estímulo à esta se promove com campanhas de ação e propagandas, buscando maior conscientização da população. Deste modo, o brasileiro poderá ser politicamente ativo e exercer mudanças inteligentes no país.

Yasmin Anefalos
ConselhoPaulínia/SP
yas_anef@yahoo.com



A MESMA DOR

— Fique aqui sentadinho nesse banco que vou falar com o seu tio Oscar e volto logo.

Ele obedece e sentado, vê o corpo baixo, entroncado do pai se afastar em sentido do armazém de construção, no lado oposto da rua defronte. É menino introvertido, por isso mesmo, sendo inteligente, tudo percebe.

O pai vai pedir dinheiro emprestado ao tio que é rico... Sente de repente a vista se turvar pelas lágrimas. O pai direito, cumpridor de suas obrigações se sujeitar a incomodar o irmão, que é tido como rico e sovina!

A figura do pai adentra no salão grande e... Enxuga as lágrimas com o dorso das mãos. Tomara que o pai consiga o dinheiro. Os demais bancos da praça estão vazios. Um ou outro carro contorna-a.

A tarde esfria, morre com a chegada da noite. A brisa circula. Por que o pai demora em voltar? Ah, quanto é ruim a pobreza! A gente se sente menor em tudo. Mas, um dia, quando homem, ganhará dinheiro. Não passará por a humilhação que com o pai, sofre. O pai retorna. Cabisbaixo. O andar curto, os passos como que medidos.

A cabeleira mais grisalha. Os gestos lentos, também contidos. Entende. Ele não conseguiu o empréstimo.

— O seu tio me negou o dinheiro. Veio com desculpas, que a inflação disparou, o negócio anda fraco, os juros do banco cresceram... Então, com a voz alta e enrouquecida pela contrariedade:

— O Oscar é um desumano, um safado! Mas, vamos embora filho.

Segura-lhe a mão e lado a lado se afastam. Calados. Unidos pela mesma dor ante a mesquinhez humana.



Paulo Murilo Carneiro Valença
Praeclarus/Recife/PE
paulo.valenca@ig.com.br

LIVRO INFANTIL DE CARLOS DE MORAIS

A história de uma cadelinha de nome real, este é o tema deste livro "O Irreverente", de Carlos de Moraes, de São Paulo/SP, Cadeira Francisco Antonio Derin, da Área de Letras, da Galeria dos Decanos do Conselho, do Clube dos Escritores Piracicaba. Lançamento da Scortecci Editora. Contato: carmora@ig.com.br



CONTOS DA CAROCHINHA MODERNIZADOS POR VERA DA PENHA



Um livro de histórias infantis é esse "Histórias da Carochinha: minha mãe contava assim", de Vera Maria da Penha, de Vila Velha/ES, Cadeira Álvaro Viotti Vieira, da Área de Letras, do Conselho Acadêmico do Clube dos Escritores Piracicaba. Lançamento da Gráfica Rotermond. Contato: vemape@terra.com.br

INDO EMBORA

Quando menos espero
chegado o tempo
hora de ir embora.

Sempre estamos indo embora
chuva, frio, tempestades
bebida forte abrevia a saída.

Quando menos quero
estou pronto para ir embora.

Na volta
ainda estamos indo embora
sem mais esperas.

Pedro de Quadros Du Bois
Praeclarus/Balneário Camboriú/SC
pedro_dubois@terra.com.br

FALSA ESPERANÇA

A eternidade existe num instante,
Em que o amor tarda e não volta,
O infinito que se alonga, sem fim,
Numa esperança promete e não chega!

Murmureja no meu coração
O eco tênue de sua fala voeja,
Ainda, no enleio dos meus sentidos,
A pluma etérea de seu aroma.

Penso vagamente nos seus olhos azuis,
Cismo no seu afago sempre brando,
Na sua estranha e esquiva aparência
De repentino e fatal desencanto.

Tento balbuciar o seu nome,
Abafo-o na respiração,
Desenho-o sobre os lábios,
Quase o pronuncio alto.
Meu coração bate comovido,
Num profundo sofrimento,
Adivinhando o segredo do seu,
Tão repentino silêncio...

Pilar Reynes Casagrande
Praeclarus/Rio Claro/SP
pilarcasagrande@clirc.com.br

DIVINA

Adoro quando os meus olhos deslizam
a limpidez sutil de tuas rendas,
sequiosos pelas suaves oferendas
que tu me dás e ao mundo escandalizam.

Cresce o desejo de que em ti me prendas,
porque bem vêes o quanto me eletrizam
sabores que nessa hora se realizam,
saber que neles sempre te surpreendas...

Pois nem te sei dizer como é envolvente
este afortunado e hílare momento
em que o nosso destino se presente...

Nesse existir que traz contentamento
vou vivendo, divina, como um crente
que em ti somente encontra lenimento.

Reginaldo Costa de Albuquerque
Conselho/Campo Grande/MS
reginaldoalbuquerque@uol.com.br

SONETO PARA MINHA FILHA

Como todas as adolescentes
geniosas, sem par, o tempo inteiro
são, ora irritadiças no canteiro
de suas flores nascidas luzentes,

ora meigas para seus pais carentes
que procurando sempre dar roteiro
para que na vida que se tenha cheiro
da flor da alegria nelas presentes.

À filha tem-se a vida para o sonho
em construir um futuro risonho.
Ao pai tem-se a vida para esperar

que tudo se realize em paz estar.
Mas tanto um como o outro também
transborda e derrama o querer bem!

Rodolfo Galvão de Oliveira
Decano/Piracicaba/SP
r.g.de.oliveira@ig.com.br

FLORA ENCARNADA

Noite quente... Vinho rubro... E lembro a mulher amada.
Taça: rosa sem espinhos, cujo aroma convida
A retornar em meu tempo e reencontrá-la envolvida
Numa névoa inebriante em seu leito, perfumada.

Nos seus olhos flamejantes e em sua pele untada
Com a adstringente essência jamais esquecida,
O convite para o amor; para celebrar a vida
Sob o encanto, o brilho e o odor da deusa Flora encarnada.

E, abençoados por Dionísio, a dança pagã começa,
Enfeitada pelas pétalas, em chuva, que Vênus,
Ajudada por Cupido nos lençóis espalhava.

De repente!... A Primavera cessa e me diz: despeça
Deste teu sonho irreal! E, num silêncio sereno,
Retornei à realidade enquanto o vinho acabava.

Luiz Barboza Neto
Colegiado/Florianópolis/SC
lubanet@brturbo.com.br

NAMORANDO UMA ESTRELA

Perdia eu meu olhar no infinito noturno do céu
Deitado no chão a namorar uma estrela
Que ousava brilhar entre as nuvens de chuva
Quando um relâmpago fotografou a terra
E a canção da tempestade trovejou gotas contínuas
De água pura e cristalina sobre mim
Findo o susto do raio que explodiu perto
Permaneci imóvel procurando pela estrela
Que supus medrada da poesia de luz e som
Correu para a segurança do colo da mãe
Quando despertei dessa hipnose romântica
Encharcado de chuva e sonhos por sonhar
Pardais e outras aves rendiam graças ao sol
Um arco-íris sorria da minha sanha apaixonada
E pintava de inimagináveis matizes
Uma estrela brilhando e sorrindo para mim.

Reginaldo Honório da Silva
Decano/Rio Claro/SP

VIDA

Nasce-se; e , aos trancos
E barrancos
Vai-se indo de ilusões
Em ilusões.
Um vestido novo,
Um parente morto,
Um sorrir,
Um chorar.

Vive-se num mar de rosas.
De repente : um abalo.
Adeus à alegria.
Compreende-se a vida.

Dorme-se.
Amanhã nada mais surpreende,
Nada mais resta do abalo.
Com raízes fortes se esquece.

Vida mistério infindo,
Inúmeras ilusões...
Ora alegres, ora tristes.
Nada mais!

Rita Bernadete Sampaio Velosa
Colegiado/Américo Brasiliense/SP
ritavelosa@bol.com.br

Um caminho só de amor,
crianças vivendo paz.
Sem miséria e sem dor,
sem metralhas e punhais.

Ricarda Maria Leal Alvim
Decana/Miracema/RJ
ricardalealvim@ig.com.br

APRENDENDO A VIVER

Saio da triste cerimônia de cremação do corpo de meu querido amigo de tantos anos debatendo-me numa rede de penosas reflexões.

Na verdade, a cerimônia consiste num doloroso silêncio de espera, na profunda emoção que se adensa na fisionomia dos presentes e na comovedora música que inunda o ambiente, quando a pesada tampa se ergue, com um ruído solenemente fúnebre, e o caixão, vindo lá de baixo em cima de um pedestal, paira ali no centro daquele espaço circunferencial rodeado pelos familiares e amigos do morto, sentados em suas poltronas.

Felizmente, não vemos a cremação. Nem quero imaginar a cena onde o corpo de um amigo querido é queimado, incinerado até virar cinzas. Cinzas e nada mais – para os que só acreditam na matéria e desprezam Platão.

A cremação ocorre depois, dentro de um esquema de funcionamento do crematório, em dias determinados. Depois, as cinzas são entregues em embalagem própria aos familiares e aí vão para algum lugar escolhido pelo próprio morto ou por seus familiares.

As de Jorge Amado foram parar no pé de uma árvore frondosa em cuja sombra o escritor gostava de descansar na quietude de seu quintal. Eu disse triste cerimônia. E é mesmo. Toda cerimônia fúnebre é triste.

Quem consegue contemplar o rosto e o corpo inerte de um amigo dormindo entre crisântemos num caixão sem mergulhar, com tristeza, em indagações profundas sobre o mistério da vida ou da morte?

Por mais que saibamos que o homem é um “ser temporal” ou que a morte faz parte da vida (como disse Paulo Autran) ou que a morte é uma “passagem” para outro plano, o certo é que o falecimento de uma pessoa querida nos choca, nos abate e nos deixa um sentimento de solidão e saudade. O homem não escapa da trágica dicotomia de viver com a certeza da morte (Erich Fromm).

Aquele amigo com quem você almoçava e sorvia um bom vinho da amizade em mesas quase cativas nos restaurantes, botando a conversa em dia, o garçon amigo nos distinguindo com sua atenção, agora está ausente.

Nosso aperto de mão e o abraço fraterno a cada encontro e despedida se instalaram no passado. E por mais que nos agarremos à fé, sempre sobra uma pontinha de “angústia metafísica”.

Então, gente, o negócio é invocar Charles Chaplin. A vida é um teatro. Vamos cantar, comer, beber, pular (e eu acrescento: fazer o bem), viver intensamente, antes que a peça chegue ao fim, sem nenhum aplauso.



Raymundo Farias de Oliveira
Colegiado/São Paulo/SP
hangelini@terra.com.br

FLORESTA IMAGINÁRIA

Quando se fala em floresta, logo vem em nossas mentes árvores exuberantes, muitas variedades de plantas e animais.

Não é o nosso assunto em pauta, pois estamos nos referindo à floresta humana, povoada de gente de todas as raças, cores, credos religiosos que vive em paz, harmonia, respeito e muito amor.

Cada um cumpre seu dever nesta floresta. É uma sociedade humanizada, sem competição exacerbada, que concede a cada cidadão o que lhe é de direito. Retribui a cortesia, o amor e a amizade dedicada a cada ser vivo: homens, animais e plantas. Só assim podemos viver em harmonia e paz que rege a sintonia entre os seres em geral.

Onde há compreensão, amor, há irradiação mágica do ambiente, este magnetismo só pode ser regido pelo amor que é o objeto de sintonia entre os seres vivos. O que os seres humanos de bem mais almejam é viver e conviver em uma sociedade pacífica, amorosa, onde reina a paz.

Vamos resumir assim O Bolo de uma sociedade ideal. Todos ingredientes em maior quantidade possível: carinho, compreensão, paciência, respeito, amor, gratidão, solidariedade, honradez e humildade.

Coloque os ingredientes na batedeira da coragem. Quando estiver tudo harmônico, despeje na forma da amizade, untada com tolerância e polvilhada com idoneidade. Coloque no forno da persistência.

Quando estiver no companheirismo é só saborear o prazer de viver em uma sociedade altruísta. É o que desejamos.

Zilda Pires Teixeira
Colegiado/Rio de Janeiro/RJ
zpiress@uol.com.br



“De volta ao passado”

Uma viagem pela música
(nacional e Internacional)
dos anos 50, 60, 70 e muito mais.

RafaPalmi & Banda Virtual (The Ghost Band)

(19)3243.8206/(19)99114.0333
e-mail: rafael.palmieri@uol.com.br
Falar com Rafael ou Carmelinda

FARÓIS

Olhos úmidos de ternura
Derramando arco-íris no meu céu
Encharcando de mar o meu deserto
Rodopiando luz no meu carrossel...

Olhos que sorriem a cada encontro
Espalhando sol num dia a despertar
Olhos que entoam a canção mais doce
Que sempre teimam ir, no desejo de ficar...

Olhos guerreiros, valentes faróis
Acalmando tormentas no rude velejar
Acendendo vida pendente em lampiões
Resgatando a paz e sossegando o mar...

Cúmplice da cama, num só bem-querer
Cobre minhas ânsias com a textura d'alma
Beijando meus desejos até o adormecer!

Olhos nos olhos, sorvidos em turbilhão
Como astros navegantes, em torrentes de amplidão
Circuitando em tênues fios, as luzes do coração!

Zeila Fátima Giangiacomo
Decana/Sorocaba/SP
zeigi@globo.com

VENDAVAL

Foi um vendaval que passou por mim
Levou minha alegria, meu amor
Levou minha vontade de viver...
Não voltará para me devolver
o que perdi
Mas vou
perseguir o mesmo vendaval
pois a esperança caminha,
caminha e eu vou com ela...

Helena Curiacos Nallin
Conselho/Cosmópolis/SP
bianallin@uol.com.br

AS PÁGINAS EM BRANCO

Um pingo de tinta
borrou as contas letradas
Que nas linhas de uma
página em branco discorria
minha vida!

E a alça da cedilha
que começa um começo qualquer.
E o pingo dos is
desfraldando uma nova
bandeira que reluz...

O sol descobre atrás dos montes
as nostalgias das noites escuras
das lutas que sempre foram..
e terminam... um dia!

Um pingo de tinta borrou
as contas letradas que um
dia percorri pelas veredas
da vida Foi uma lágrima perdida
no cintilar dos sinos na capela da vila...

Um pingo cortou o vento
Um pingo cortou o tempo
Um pingo...
Um ponto final da minha estória
nos sonhos sonhados de outrora!

Vera Regina de Barcellos
Conselho/Florianópolis/SC
vera.de.barcellos@gmail.com

BICICLETA

Lei física simples
Rodas em movimento
Enigma do equilíbrio

Paulo Alberto Garbus
Praeclarus/Curitiba/PR
epgarbus@gmail.com

OUVISTE O TEMPO?

Ouviste o tempo?
Penso eu já haver passado,
Foge de nossas mãos,
Desampara sonhos e intenções,
Não de todo, é claro, porém sempre
Será mui passageiro,
Ave de asas muito velozes, vôo atroz a deixar
Traços no céu,
Admitamos, mais as nuvens podem vê-lo passar,
Porque seus retornos também são vôos,
Continuam a passar,
Se o quisermos mui bem retido junto a nós,
Preciso se faz abrigá-lo no todo – afinal somos
Corpo e alma, embora emoções nos ponham à prova,
Mudanças corrigem estados de dor,
Há de fato, todo e qualquer coração, que mergulhar
Nas entranhas do tempo, fazê-lo um bom aliado,
Fiel amigo em cada momento,
Ai sim, ao meu ser e ao teu, será possível ouvi-lo
Tão a contento,
Bem sabemos, traz mensagens que alentam,
Não deixando que os raios do amor sejam qual um sol
Enfraquecido que certas horas não impediram de ser,
Assim não frutificará nossa nitidez sentimental,
Deves sim, ouvir as mensagens que pairam no ar,
Nelas não há dúvidas, nem sequer momentos em que
Nos atinja maior tristeza,
Não nos falamos dos vazios, ao contrário, traduzem-se
Por alentos que a vida confirmará,
É factual, certeza posta á todas as provas, creiamos
Para melhor aceitá-la,
O tempo sempre refaz roteiros, retorna aos pontos
Iniciais, e, certamente ao passar por nós mais uma vez,
Não se esquecerá de reiterar todo poder e alegria que nas
Asas do amor, também a nós vieram presentear!

José Roberto Abib
Praeclarus/Capivari/SP
jrabib@dglnet.com.br

No meu pequeno Universo,
é grande a minha alegria,
cantando ou fazendo um verso,
sou feliz a cada dia...

Therezinha de Jesus Lopes
Assinante/Juiz de Fora/MG

AMOR DE POETA

O poeta ama Renata, Ana ou Claudina,
ama Helena, Marina, Elza e Diná;
deseja e tem nos braços Coralina,
mas, com Matilde, à noite, sonhará.

O poeta, diz amar Célia e Celina.
Seus beijos são p'ra Estela e Dinorah...
Seu coração por elas treme e rima,
Rosa, Violeta, Flora e Mariah!...

À todas, ele engana com poemas
(louras, mulatas, negras ou morenas)
cheios de amor, do amor que o
domina...

È assim que o poeta se sustenta;
mentindo a própria dor - vã e cruenta -
que sente pela ingrata... Madalena.

Terezinha Ofélia N. Rennó
Colegiado/Itajubá/MG
tonrenno@sulminas.com.br

LIMITE VITAL

Hoje
No meu limite
Vital
Cortei um a um
O cordão umbilical
Da terceira filha
Do segundo filho
Até da primeira filha
Com um nó na garganta
Dilacerante
Quase mortal
Senti-me ferida
Diluída
Destruída
Senti-me do mal
Fiquei assim perdida
Sem saber o que a vida
Reserva no final.

Lúcia Martins
Conselho/Ituporanga/SC
malu818@hotmail.com

CEVANDO A SAUDADE

Amigo velho de tempo memorial...
Um cismar indomável reside em mim,
Abrindo porteiras além do horizonte,
Vou tropeando num lembrar sem fim.

Amigo velho o mate já está cevado,
Boleia a perna pra mais este ritual,
Vai sentando neste banco laqueado,
No faz de conta que isso é normal.

Amigo velho eu sinto cheiro de picumã,
Que nem o tempo conseguiu apagar...
Entre as paredes deste meu apartamento,
Galopeio o tempo com vontade de voltar.

Amigo velho o inverno vem chegando,
Fico na espreita para ouvir o minuano,
Assoviano nas frinchas de minha janela,
Uma milonga de pura alma pampeana.

Amigo velho! Vem matear sempre comigo,
Pra aliviar um pouco mais as nossas penas,
Desencilha o gosto amargo da cidade...
Abra a cancela e solta ao vento as melenas.

Amigo velho tome o último do estribo,
Encilha o pingo faz o mesmo que eu faço,
Dê rédeas ao pensamento campesino,
Doma a saudade peleando em manotaço.

Wilson Rosa da Fonseca
Decano/Rio Grande/RS
fonseca1949@gmail.com

CINDERELA

Uma pilha de panelas
oleosas e sujas
me esperando
e copos
xícaras
pratos e talheres
a qualquer momento
juntos como
enorme e disforme
monstro
obrigando-me
a humilhação constante
de esfregar
lavar
secar
guardar
enquanto lá fora
um sol maravilhoso
e quente
abre as flores
convida à caminhada
estou presa entre panelas
que me espreitam
que me esperam



Marina Rolim
Praeclarus/Santo André/SP
marina.poetisa@yahoo.com.br

MARIA FRANCISCA INTEGRAL COLETÂNEA



Acadêmica Maria Francisca Alves dos Santos, de São Miguel dos Campos/AL, Cadeira Alcindo Manesco, da Área de Letras, da Galeria dos Decanos do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, integra a Coletânea "Ciclo do Algodão e as Vilas Operárias", do escritor e historiador alagoano Douglas Apratto, lançada no último dia 5 de outubro. A destacada os nossos parabéns.

SOMENTEUMOLHAR

Não precisa
tocar-me a mão
a tua mão,
Para incendiar-se
a minha alma

Basta só
que teus olhos
encontrem os meus

Os meus encontrem
os teus
Para agigantar-se
a gana de
fusão plena



Nadir Silveira Dias
Conselho/Porto Alegre/RS
nadirsdias@yahoo.com.br

TUDO

Oh, lua!
Traga perante mim
o que me fortalece;
o que fertiliza meu
amanhecer
e justifica meu viver;
que transmite sabedoria
a meu ser,
sem mágoa, só com prazer.
De tudo o que tenho,
nada me interessa!
De tudo que não tenho,
a esperança me basta.
Tudo que quero
é minha metade
para me engrandecer
e esquecer o que é saudade.

Quero muito dizer
para o mundo,
que estou amando você.
Mas não posso...

Você não quer nem saber!

Sílvia Alessandra P. da Silva
Decana/Piracicaba/SP
silvinhaalessandra@hotmail.com

WILAON ROSA SE DESTACA NA LITERATURA

Wilson Rosa da Fonseca, de Rio Grande/RS, Cadeira Nere Maria Beladona de Abreu, da Área de Letras, do Colegiado Acadêmico do Clube dos Escritores Piracicaba participou de Coletânea organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Foi premiado na V Feira Literária "Armando Letras, compondo vidas", de São Lourenço do Sul/RS com o Diploma de Honra e premiado no 16º Concurso Literário Estadual de Poesia, "Pérola da Lagoa", da mesma cidade.



NOSSAS PERDAS



Registramos o falecimento do Acadêmico Menejú de Barros Lins, (à esq), de São Pedro/SP, que a partir de agora será Patrono da Cadeira 053, da Área de Letras, da Galeria dos Decanos do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, Ainda do Acadêmico Chafique Jorge Aidar, de Piracicaba/SP, a partir de agora, Patrono da Cadeira 002, da Área de Ciências, da Galeria dos Academicus p-raeclarus do Clube dos Escritores Piracicaba. Às famílias enlutada as nossas condolências.





Terapias Holísticas e
Estudos para o Desenvolvimento Humano
Caminhos para uma vida melhor
Consultas - Cursos - Palestras

Vicente Campos
Psicoterapeuta Holístico
CRT 45.304 - ABRAD 0336-03

Taroterapia - Vidas Passadas
Radiestesia - Radiônica
Astrologia

Ligue: (19) 3829-2345

Site: www.vicentecampos.com.br
Email: terapeuta@vicentecampos.com.br



BAIÃO PIZZARIA E CHOPERIA

GALERIA COMERCIAL DO COOP

MALUKA CALÇADOS & ACESSÓRIOS

GALERIA COMERCIAL DO COOP

COPIADORA

LUIZ DE QUEIROZ

BOULEVARD I BOM DIA

19 3434 4838

copiadora@copiadoralq.com.br

